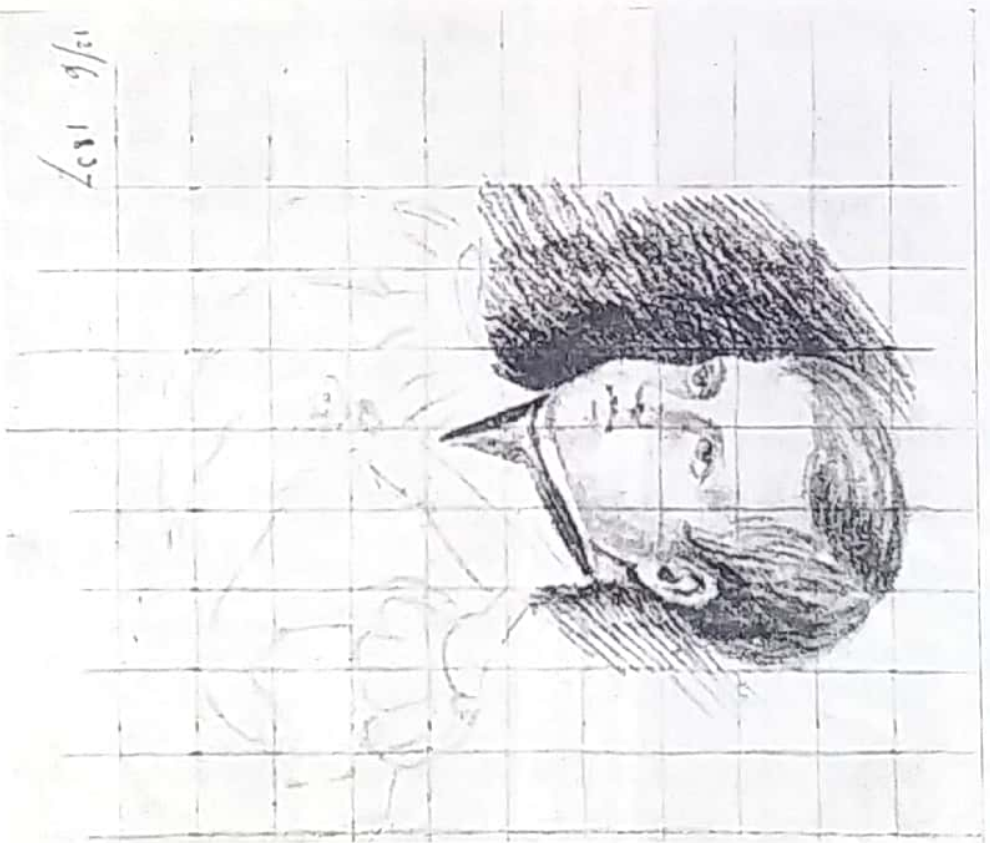


Scientific Reports



DEZEMBRO 1937
 ANNO V
 NUMERO 8



DIREÇÃO:
 Presidente:
 Kleber Gomes Ferreira
 REDACTOR-CHEFE:
 Esdras de Oliveira Santos

CÊNCIAS E LETRAS
 Órgão oficial do Grêmio Ciências e Letras Pedro II (externo)
 Colégio Pedro II
 DEZEMBRO DE 1937

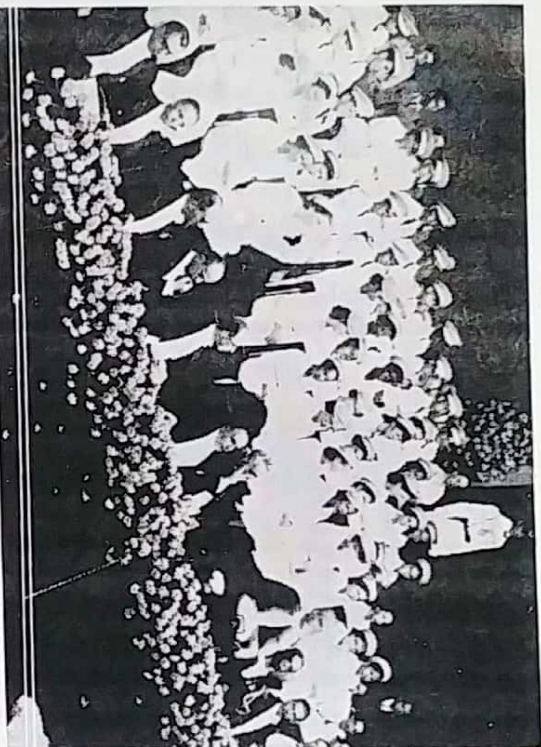
REDATORES:
 ALDEBARAN DE SOUZA
 AUGUSTO C. FERREIRA
 HERCILLANO CARNEIRO

Número avulso \$500

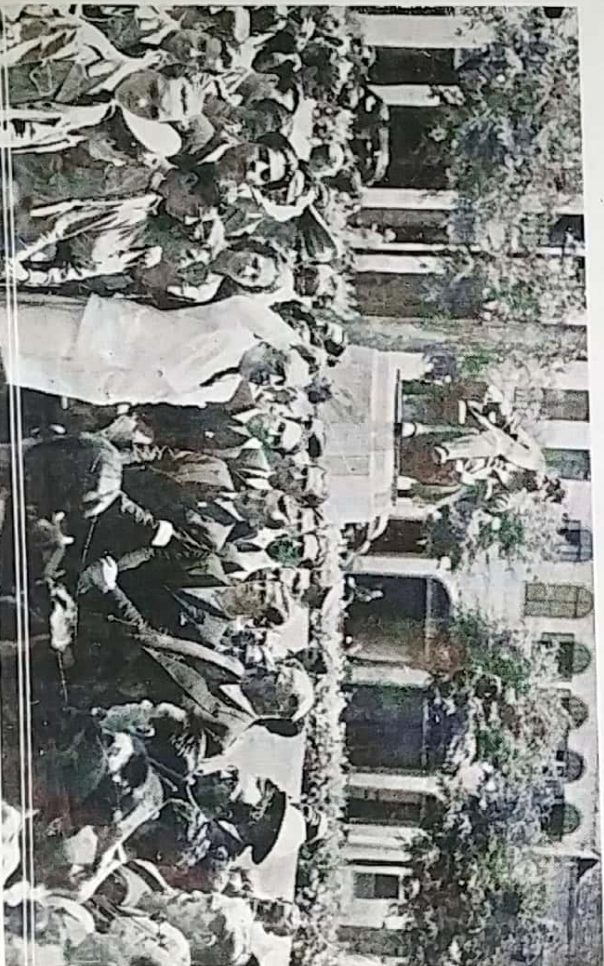
Ano V

Número VIII

Redação: Externato Pedro II



Sessão magna no Teatro Municipal. Realizada na noite de 2 de Dezembro. Vista da mesa. Ao fundo o coro Orfeonico



O Dr. Kaja Galabaglia discursando junto à estatua de Pedro II em Petropolis. Veem-se os membros da familia real, professores, alunos e familias.

Aos leitores

Era nosso desejo, no mês do Centenario, dar um número grande, de centenas de páginas. Mas não foi possível! Os obstáculos creiam à medida que os nossos profétos se alargavam... Contentamo-nos com estas 36 páginas, como no primeiro número. Para os que têm experiencia do assunto isso já significa alguma coisa; quanto mais não seja capacidade de trabalho e espirito perseverante de seus directores. Tal reconhecimento — temos a certeza — não será injusto e nunca demora que se antepõem à realização de uma tarefa desta natureza. Só os que já provaram a deli-

cia das peregrinações pelas ruas da Cidade, de manhã à noite, a caça de annuncios, poderão julgar com criterio do quanto custa uma revistazinha como esta.

No entanto, de ante-mão sabemos que os effeitos não de cair, terríveis, impiedosos, sobre nós... São os tais "camões anônimos" do vale bigodoso ou melhor os que "ladram mas não mordem" de Alzito Zarur. E' termos paciência, tapar os ouvidos, saltar por cima deles e ir segundito, socoados, o nosso camião... Nem tudo está perdido nem errado, Alguem nos compreenderá. E' isto o que nos consola e revigora para novas peregrinações...

Aos 2 de Dezembro engalana-se o ensino nacional, pois comemora um século de existência, depois de transformado em collegio-padrão do ensino secundario, o Pedro II.

Poi, realmente, por decreto de 2 de Dezembro de 1837 que o genial estadista, Bernarrio Pereira de Vasconcelos, Ministro da Regencia Una do Marquez de Olinda, creou o Collegio Pedro II, nelle instituindo o ensino das humanidades.

O que foi o Collegio Pedro II nesta 1.ª centuria attestam-no o rol de seus bachelares, onde fulguram tantos e tantos nomes illustres em todos os sectores da actividade scientifica, litteraria e social, e o elenco de seus professores, pois em suas cathedras pontificam os

vultos mais representativos do nosso magisterio.

O governo do benemerito Presidente Getulio Vargas decretou feriado o dia 2 de Dezembro, prestando deus'arte excepcional homenagem á data.

O Collegio Pedro II é um monumento de gloria da Nacionalidade, um escripto de preciosas tradições, um estabelecimento de ensino á altura das maiores exigencias da educação contemporanea.

Honremo-lo. E'levemos, todos, o nosso espirito no momento do 1.º Centenario do Collegio Pedro II.
 Teremos feito obra de justiça e de patriotismo.

R A J A G A B A G L I A

Onde a justiça falha

Bem **inteligente** foi o homem que imaginou, esculpiu e impoz aos seus semelhantes a imagem da Justiça... Creou-a esbelta, formosa, robusta mas... sem o encanto dos olhos. E fez isso ladinamente, preservando sempre a individualidade, um motivo de **defesa e salvação**... Daí surgiram, de quando em vez, **lacunas** idênticas às que se estão verificando no Colégio.

O caso veio ao nosso conhecimento o mês passado por intermédio de alguns funcionários que, casualmente, encontramos numa sala discutindo as suas futuras ocupações. O grupo se compunha de **serventes e inspetores** suplementares.

Lamentavam-se.

O ano letivo chegava ao seu termo e eles, sem possibilidades de recursos, iam ficar sem ocupação por alguns meses. Não sabiam que fazer. Em casa tinham mulher e filhos...

Estavam tristes, deliberando...

Quivimos tudo sem sermos identificados. Intimamente lhes demos razão. Não estava certo. Trabalhavam o ano quasi todo. Tanto ou mais que os **efetivos**. Depois, em Novembro, na, sem um tostão... Não estava certo. A Justiça realmente é cega...

Ao Dr. Raja Gabaglia, cuja largueza de coração toma foros de lenda na vida administrativa do Colégio, encaminhamos o protesto silencioso, inofensivo e justo dos humildes funcionários.

FESTA DA PENNA

Houve por bem a comissão do 7.º ano cultivar a reutilização da tradicional FESTA DA PENNA, no GREMIO CIENTIFICO E LITTERARIO PIEDHO II. Clientes do fato, manifestou-se favoravel o Sr. Director do Colégio. A directoria do GREMIO accellou de bom grado a incumbencia, pois vin, não o trabalho arduo, não descontentamentos, nãos... uma victoria certissima. Receberam com prazer a empreitada e exultaram com garrido hinvulgar.

Ficou assim o GREMIO autorizado a prolocutar todas as festas do Colégio Pedro II. Calceiros, Penna, Adiens, Princesa e Encerramento de aulas, são as tradições que o Pedro II manterã sob o contrale do orgão representativo dos alunos do Colégio, o GREMIO CIENTIFICO E LITTERARIO PIEDHO II.

VANDALISMO

Meu coração tem cathedras imortensas, Templos de priscas e longinquas datas, Onde um nome de amor, em serenatas, Canta a alleluia virginal das creanças.

Na ogiva fulgida e nas columnatas Vertem listras irradiações intensas Semillhões de lanpadas suspensas E as anthyristas e os flores e as pratas.

Como os velhos Templarios medievais, Entrei um dia nesses cathedras E nesses templos claros e risinhos...

E erguendo os plãdos e brandindo as hastas, No desespero dos reconochistas, Quebrei a imagem dos meus proprios sonhos!

AUGUSTO DOS ANJOS



APOSTROPHE À CARNE

Quando eu piço nas carnes de meu rosto,

Presinto o fim da organica batalha:

— Olhos que o humus necrophago estragalla, Diaphragmas, decompondo-se, no sol-poiso...

E o Homem — negro e heterocido composto,

Onde a alva flamma psychica traballa,

Desagrega-se e deixa na mortalla

O tacto, a vista, o ouvido, o olfacto e o gosto!

Carne, feixe de moindas bastarilhas,

Comquanto em flamma logo ephemero ardas,

A dardejãr relampagantes brillos...

Do-me ver, embora a alma te accenda,

Em tua podridão a herança horrenda,

Que eu tento de deixar para os meus filhos!

AUGUSTO DOS ANJOS

PELO GREMIO

Por absoluta falta de sócios as ultimas sessões do Grêmio Científico e Literário não foi possível as tradicionais eleições de Novembro para escolha da nova Directoria.

Desta fórma ficam as mesmas transferidas para Março do proximo anno.



Dr. Fernando Antonio de Raja Gabaglia
(Presidente da Congregação e Director do Externato)

VULGARIZANDO

Marin, Hebreia é uma das mais antigas perso-
nagens históricas ou pseudo históricas que praticaram
a ciência oculta com o intuito de fabricar o ouro.
Supõe-se que tenha vivido entre os séculos I e II de-
pois de Cristo.

Archievese-lhe a invenção do banho-maria e a
lenda dos sete filhos.

Certa mãe gerou sete filhos, dos quais, dois,
chietos de privilégios, e os outros desherdados de ultri-
motos que os destacassem e fizessem desejados.

Um destes, certa vez, lançava-se junto a sua
mãe, de sua insignificância, e, perguntou-lhe por que
motivo não lhe foram transmitidos os privilégios de
seus dois afortunados irmãos.

Respondeu-lhe a mãe: "Si tu fosses extremamente
dividido nas mínimas partículas de que és formado
e novamente levado ao meu ventre, poderias trans-
formar-te num dos teus irmãos privilegiados".

Marin Hebreia, nessa lenda, quer simbolizar: nos
sete filhos, sete meios; nos dois irmãos afortunados,
a prata e o ouro; nos irmãos restantes, os metais
desprovidos do valor da prata e do ouro; o ventre
materno, possivelmente o cauldão em que os alquí-
mistas realizavam grande numero de suas operações;
Quintessa Amaldi e Laura Fermi — Alchimia de
nosso tempo.

RADIO

Atualmente a extração do rádio, que é o padrão
dos corpos radioativos, é de produção quasi exclu-
siva das usinas francesas e holandesas que fornecem al-
gumas grammas de rádio anualmente e cujo preço orça
em cerca de 1.000.000 de francos por grama.

A exorbitância do preço é explicada pela comple-
xidade de operações como pelo extraordinário con-
sumo de material.

Consumem-se cerca de

- 1.400.000 quilos de minérios
- 2.400.000 " " água
- 600.000 " " substâncias

1 gr. de rádio

quinticenas para se obter

A. Fréres — Química 5ª. serie.

Cor é um fenómeno físico, ou uma substância,
ou uma sensação.

O arco iris, que é um fenómeno quântico, é um
exemplo da luz colorida; as cores de anilina, são
substâncias coloridas; a pressão sobre o ocular, pôde
provocar a sensação da cor.

A confirmação desse modo de entender o que
seja cor tem-se em:

- a) a projeção, sobre um anteparo branco, da
luz atenuada por superfícies pintadas com amarelo
de cromo e azul ultramar, fornece a cor branca (mis-
tura de cores);
- b) diluindo uma mistura de amarelo de cromo e

azul de ultramar obtém-se a cor verde (mistura de
substâncias);

c) fazendo girar um disco em que um dos senti-
mentos é pintado de amarelo de cromo e, o outro,
de azul ultramar (em condições convenientes) obtem-
se a cor cinzenta (mistura de sensações).

Y. Martinet — Traité de chimie organique (Y.
Griquaert).

O ELESTRON E A LINGUAGEM ELECTROTÉCNICA

A electricidade prática é atualmente tida como
manifestação das propriedades dos electrons:

LINGUAGEM COMUM LINGUAGEM ELECTRO-TECNICA

Corpo carregado positiva-Corpo em cuja superficie
mente existe deficiência da ele-
ctrons

Corpo carregado negativa-Corpo que apresenta em
monte sua superficie excesso de
electrons

Corrente continua Deslocamento de um con-
junto de electrons em sen-
tido inverso do sentido da
corrente e de velocidade
mínima.

Corrente alternativa Oscillações electronicas de
pequena amplitude.

A. Bell — Idées nouvelles sur l'electron.

Notas por Arlindo Froes

PORQUE?

Toda interrogação tem resposta; esse affirmo
porque, já está justificando. O interno abre suas
portas deixando campo livre para os movimentos de
aproximação. Ninguém quiz impedi-los. Antes as-
sim, porque não precisamos de perguntar com ma-
gim: porque?

MOVIMENTO DA CAIXA ESCOLAR

NO 1º TRIMESTRE

(SETEMBRO OUTUBRO E NOVEMBRO)

Receita	1-1388300
Despesa	4258000
Saldio em caixa	7138300

Concedidos: 2 livros, 1 caixa de injeções e 10
uniformes completos.

Rio, 11-12-1937.

Directores do internato



Prof. Pedro do Couto



O atual diretor Prof. Lafalete R. Pereira



Prof. Quintino do Vale

Mestre Agliberto Xavier

O dia de hoje, para nós, é, no mesmo tempo, alegre e profundamente triste. Alegre porque vos homenageamos, agora, com as manifestações de nossa gratidão; profundamente triste porque, no dia de hoje, o Colégio Pedro II perde as almas de uma das mais nobres e célebres da nacionalidade.

Dizer o que foi e o que tem sido a vossa obra de construção de caracteres, pelo progresso do Brasil e pelo progresso da Humanidade, não é tarefa para uma breve saudação; ela requer uma bem feita biografia, e cremos sinceramente em que ela oportunamente aparecerá.

Sabem o que representa a vossa vida de altíssimo os alunos que se prezam: os professores conscientes também o sabem; sabem logo mais tarde os posteror, quando fizerem o julgamento retrospectivo dos homens de res-ponsabilidade.

Não vimos, pois, enaltecer as vossas qualidades humildes. Vimos apenas, aos discipulos humildes, trazer-vos o afeto dos que jamais vos ha de esquecer; (ão grande é a vossa vida, tão extraordinária a vossa cultura, tão comovedora a vossa obra, em proí dos semelhantes.

Falam por nós, neste momento, aqueles que não concordam com a maioria da hora presente; por nós falam, nesta hora, os que não aceitam a realidade humilhante dos problemas do ensino; aqui, agora somos a voz biemas do ensino; aqui, agora somos a voz dos que reclamam mestres para ensinar, para educar, para elevar da fraqueza os cerebros jovens, precocemente corrompidos.

Todos sabem que o momento nacional é gravíssimo. Principalmente, porque, para o ensino, a tendência geral é pacificar, no des-cabro, acellar com um sorriso de indiferença a realidade atrás dos máos prenunciados. Se nos faltarem mestres, falar-nos-ão alunos. E o Brasil precisa de mestres que o sejam de verdade. De mestres que sejam dignos de si mesmos, pela autoridade intelectual e moral.

A essas é que cumpram formar mentalidades para o Brasil de amanhã; a essas é que cabe a gloriosa tarefa de gerar estadistas que compreendam os problemas do país; a essas é que deve estar confiado o sacerdocio incomparavel de criar cidadãos para o Brasil e para a Humanidade.

Di vos, mestre Agliberto Xavier, sou um simbolo dos mestres. Das vossas mãos lutas saíram capacidades que trabalharam, trabalharam e trabalharão pelo futuro da pátria e pelo amor entre os homens.

Por isso mesmo aqui estamos. Os juizes de Berlim existiram sempre, enquanto a Humanidade existir. Neste salão, agora, estão alguns, profundamente frios, e dispostos a cortar a vossa vida de mestre, com a veneticação que os grandes homens disperiam. Aceitae-a pois, mestre Agliberto Xavier.

Aulas de geografia

(De um discipulo do prof. Honorio Silveira).

No Peru caiu uma chuva calamitosa um ano antes da chegada dos espanhóis. Os indígenas tinham que era um prenuncio de catástrofe imminente. E foi. Os espanhóis entraram no Peru, tal qual um tufão mortífero.

O Peruvia desaguava num lago, que ia de lesende a S. Paulo. Essa lagoa foi formada pela erosão e desapareceu pela erosão. Hoje, restam, ali, chistos betuminosos.

O Chaco e o pampa argentino formaram em épocas remotas um mar. Acreditase que a profundidade foi de 700 metros em alguns pontos. Esse mar comunicava-se com o Amazonas.

Fizeram-se, recentemente, sondagens no longo da costa do Brasil. Por ali, foram encontradas varias crateras de vulcões.

Fôram feitas perfurações em Sanlaram (Paris) em procura do petróleo, e, ali, foram achados alívios, que provam que a região era um mar.

As viagens dos aeroplanos são como a viagem das antigas caravanas do deserto: só podemos atingir objectos preciosos, porque o veículo não supporta grandes pesos.

Ha indícios de que existiu zebra no Brasil. (Phaleno Central do Brasil). Creio que ainda existe...

O puto e o peru são originários da America Na Guatemala ha um enorme numero de putos e perus. Não se sabe si é o puto ou o espanhol, o que tem intelligencia curta. Sabe-se do seguinte: os espanhóis levaram 200 anos para domesticar o puto.

O primeiro homem que viu a America, viu nas plantaes do Mississipi milhões de bizões (bois selvagens).

Os ingleses transportaram para a Austria, o curiteiro e o coelho. Estes animais se desenvolveram assombrosamente. Não nasceu o mesmo com as raas e os sapos. Parece que ha na Australia, ha alguma virtude.

O grande historiador Alexandre Hercolano nos fez das cançadas de omagro (o burro) na península Iberica. Creemos que as ciguadas conham... pelo menos em Portugal.

Page TUPINAMIA!

Nossa veneração é uma homenagem sincera. Mesmo porque, no século XX, simbolistas o (super-homem) de Nietzsche.

Mizho Zatur

Meu Deus

MEU DEUS!
 porque ha tanta amargura em cada hora de vida, que passa, que aqueles, que parecem, ter alegria, rem so para não chorar?

Será por isto que o homem de hoje tem medo de [cogitar, de — quieto e sereno — se debthgar sobre o abismo de amanhã?

Inquieto, elle pula duma idea á outra, como um passaro na gaiola e nem foge quando se lhe abre a portinhola: — ha tanto desconhecido alem dos limites.

MEU DEUS!
 O homem — quem sabe — não tem mais amor.

MEU DEUS!
 Dá-me o amor dos pequenos diaqueles, que não tem a vaidade do saber.

Dá-me a espontaneidade da sua gratidão por um simples gesto de affecto.

Dá-me o perdão do meu proprio saber!

Deixa-me dar mais um passo no teu reino, deixa que toda esta sabedoria volte a ser vida! Eu só queria ser "fonte de sabedoria" para saciar a sede d'alegria daqueles de coração sincero e simples.

Dá-me as palavras singelas do Nazareno, a voz que liberta almas prisioneiras, a força temeraria dos pioneiros e a humildade de Francisco de Assis.

MEU DEUS!
 Dá-me o amor dos pequenos!
 Eu tenho tanta necessidade de amor!

LEO WILLIO.

Caliban

Antonio de Padua

vultosa teu espirito infernaldo
 sorria como um fátigo sangrento
 a magna das que passam pelo mundo
 suplicadas na cruz do sentimento.

Mas vés? hoje estis velho e moribundo...
 zante as proelas do arrependimento
 cai a noite do autismo profundo
 onde nada responde o teu lamento.

Nas affeições da treva ninguém ha de vir,
 com as mãos aureoladas de piedade,
 diminuir o crepúsculo das dias.

Morreis como os homens imperdidos,
 entre as rias eternas e asombradas
 das crevices de luas alegrias.



Da Bandeirantes valem

(As collegas do Internato do Pedro II)

"Transportando ondas de tempo e de distancia,
 com bandalhas de passaros em coro,
 retornemos ao ponto bont da infancia,
 com uma alegria nova de colorir!"

Revivamos a hora em que, com ancia,
 a moação foi em busca do thesouro...
 Como partimos pela exuberancia
 do sonho em flor, por sobre um rio de ouro!

Volvamos hoje, amigos, as espaldas,
 Onde aciar os beryllos e esmeraldas?
 Volvamos mesmo antes do ematadeceer...

h, guardemos nossa unica conquista —
 a saudade, essa pallida amehista
 que é riqueza e esplendor até morrer.

MURILLO ARAUJO.

Poema

da

Suave

EM SURDINA

Constancia

Oh! tu, eu estou cantando
sentindo
dentro da noite surdissima
os teus encantos ditinos,
Eu estou cantando bulidos interiores
no pé do teu leito distante...
— Esse teu sono?... é um deslumbramento momentâneo
de um alma

consuado
pelos acordos súltis de minha voz amantíssima...

— Quem sabe? Se não a distingués
nesto silêncio de alcova adormecida

e porque ela se finta sempre a exterioridade das coisas
e, essência da alma, putra sempre sobre o mundo íntimo...

Não faz ruido

Ela tem a leveza da noite em suas asas de sonho

e nos acordos súltis o silêncio imperceptível das coisas mortas...

Escuta, ela é um mistério profundo e transcendente
só compreendido

por nós
quando sonhamos.

ALEM DE NÓS COMEÇA O NOSSO MUNDO...

Andai eu velarei teus passos mortos
pelos âmbulos dos sonhos
e secret nas longas horas de angústia
o arrimo certo do teu corpo diáfano.

Andai põe sobre a neve de teus ombros
o turbante da Esperança.

dê-me o braço

e caminhemos - um ao lado do outro - bem juntinhos
Ficai atias distantes dos meus sonhos.

Sonha comigo os mesmos sonhos meus
que a passagem na Vida é muito estreita
e só deiza passar um de cada vez...

Aldebarán do NORTE

Esta noite lembrava inquietada noite,
A mais sofrida noite que vivi.
Esta noite me lembrava deventuras.

Tanto que chore e mais então chorou.
Só que não choro agora e chuto chorou
Rato de tanta higrina esta higrina.

Esta noite me lembrava que me esqueça.
Precisava dormir que é madrugada.
E não durmo e me lembro e mais me inquieto

Esta noite, esta angústia, este martírio...
Se eu pudesse escrever talvez dormisse
Para umisar visões com pesadelos.

Se eu pudesse escrever escreveria.
Que a noite mais sofrida que vivi
Foi esta noite e não inquietada noite.

S. de SOUZA

O homem e o pensamento

Augusto Claudio Ferreira.

Para o curioso Schoutz.

O pensamento é feito de maneira tão complexa
que nos faz, às vezes, desistir de cursar as matérias
filosóficas do programa de ensino.

Tantos homens pensaram e ditaram pensamentos,
deixando escolas, doutrinando e fazendo ver-
dadeiros sistemas, que oscilamos de um para outro
em análises rápidas.

Kant, Spencer, Comte, Pearson e outros, são
maestres da filosofia, dignos de estudos apartados;
antiveram séculos.

Dividiram as ciencias, estabeleceram leis, pro-
curaram causas e efeitos, dos fenomenos psicofísicos,
analisaram a alma e a matéria, negaram e afirma-
ram; tudo para o bem da humanidade.

O estudante deste século XX, ora recua até Aris-
toteles, ora estaciona em Comte, S. Thomas, até in-
fluencia-se com as tendências modernistas.

As religiões, os preconceitos, atiraram fétors
para argumentações contra esta, ou aquela doutrina;
enfim, um emaranhado de proposições, envolvendo
a alma curiosa dos jovens.

Procurou-se saber por curiosidade, esse ele-
mento que faz sabios, em busca de descobertas
preciosas.

O que é alma? O que é matéria? E as pergun-
tas surgiram exigindo respostas positivas.

Procurou-se, também definir e diferenciar, até
um bloco de pedra e uma ideia; a imagem física e
a psíquica.

E tudo por que?
Só porque o homem, esse animal interessante,
pouca pensar.

Surgiram as filosofias para universalizar pen-
samentos sobre a vida dos homens.

Foi preciso pensar para saber da propria exis-
tencia; dividiram-se da realidade patente; negou-se
a matéria e a razão deu lugar aos passeios do
absurdo, concretizado em doutrinas paradoxas.

Tudo se fez para dar felicidade aos homens e pro-
vas aos estuantes! E dizemos que essa felicidade
depende cem por cento da maneira de pensar!

A formação das ideias, a disposição das mes-
mas em relação aos elementos assimilados, é sem
dúvida, a verdadeira adaptação do mundo interior
ao exterior concreto. Cada um pensa, diferente-
mente do outro, daí haver tantas naturezas psíquicas,
quantos cérebros existirem.

Só concordamos no razoável; discutimos no
absurdo.

Podemos pensar (com Spencer, Kant, Leibnitz,
Pearson ou Comte) que a vida humana é a soma
Entre dez pessoas, há dez maneiras de sentir
a vida, porque se, estudo, critico, filosofia, etc.

Para identificarmos-nos com a razão humana em
busca da felicidade!

A vida não é o maior compendio de análises
constantes e de sínteses grandiosas?

Nós somos consequencias, instrumentos de for-
ças gigantescas; coordenamos, transformamos, na
elevação dos ideais e no reconhecemos a pequenez
humana, destruímos na impossibilidade creadora
do Ego.

Dai a terrível ilusão desse Ego ambicioso, em
julgar-se onipotente quando é impotente para tra-
balhar só. Diga-se: um Crusoe á espera do navio
desejado.

Podem ser original e até fantástico porque se
fosse igual aos outros, seria desnecessario aos im-
pulsos do universo.

A originalidade é a síntese da grandiosidade
humana em busca de símbolos inevitáveis.

A atividade vital se resume numa serie de mu-
tações, causadas pela influencia planetaria; se es-
tamos em relação á Terra, esta deve estar ligada a
outros elementos; a mutualidade é indiscutível.

Passamos a verificar os caracteres da finiti-
das potentias; o pensamento.

Não vou buscar causas nem efeitos, porque a
minha razão aceita á priori, todos esses elementos
primordiais.

O pensamento é o mecanismo das ideias, por-
que laborica realidades e repete o absurdo. Sintetiza
desde a formação da imagem psíquica, até a con-
cepção e adaptação da mesma.

Há ideias a executar; isto é, as que estão sendo
trabalhadas para serem lançadas no meio exterior,
e finalmente as executivas, já identificadas com a
razão humana. Praticamos sempre da divida para a
realidade; formulamos hipóteses para doutrinar,
ideias não nascem feitas.

Essa questão de alma e corpo, é a representa-
ção dos meios físico e psíquico que conjugados for-
mam a vida; é como a água e o congnuto, a simbiose
é fatal. Sem o objeto não se forma o sujeito; antes
da forma física, as coisas vivem sob outra forma,
fluida, espirital, cuja origem veio do infinito que
não podemos deusar. Não devo questionar sobre
religiões, esse infinito servira de síntese de todas
elas; será o Deus dos cristãos, o Budá dos chine-
zes, etc.

A alma é um pedaco de um deus, que se adaptou
no mundo material para vibrar-lo como um diapasão
rítmico.

As ideias a executar constituem o nosso mundo
psíquico; as executivas o físico, por tomarem
forma e caracteres objetivos. Entre a ideia a exe-

cultar e a executar, as fases que se caracterizam pela continuidade quando realizavel e descontinuidade e por consequencia, desmembramento, devido a impossibilidade. Isto é, ha ideias que ficam só no mundo psicologico, por não terem adaptado ao fisico.

Analysamos os homens em relação ao pensamento; podem ser: hiperespiritualis, razoveis e hipermaterialis.

Os primeiros vivem por demais o mundo psiquico, são entidades materiais, não geram, porque ocorrerem como superhomens para o bem da humanidade.

Os razoveis são aqueles que vivem na materia quando devem ser materiais e no espirito quando espiritalis; ligam os extremos.

Os hipermaterialis, bestialis, despidos de sentimentos (fundamentos), são automatos e entidades psiquicas.

Na verdade, não ha distincões ou limites, mas predominio accentuado.

A ciclooturnação é justamente a oscillação rapida pelos mundos fisico e psicologico.

O ponto separativo ou distincto é a razão, d'equilibrio; o ponto de encontro é a razão, d'equilibrio.

O homem só pode considerar-se deus, por viver demais o mundo psicologico; é a tortura dos hiperespiritualis.

Por ser social, é torturado pelo Ego, em beneficio da humanidade — tem que viver para outros.

em suma ser razoveis. O isolamento é um pressentimento aparente; resulta da impossibilidade de do-mínio completo.

Por anomalias fisicas pode fugir da vida espirital e media e aferrar-se nos abissos materiais os invadidos, os binastofioricos, etc.

A felicidade humana é o equilibrio dos dois mundos. Quando alguém se diz materialista, eu me rio, porque a materia é a ideia concretizada; quando alguém se julga espiritualista, eu rio duplamente, porque é a vespera da materia. E' melhor que se diga: homo sapiens. O homem deve pensar e executar se quizer sentir a vida; a nossa missão é identificar e construir. Quando não o fazemos agredemos nos gentios o excesso das ideologias, por que até os anormais são tuteis. Anormalidade não é sinonimo de inutilidade.

Laurentius Kant, Spencer, Comte, pelo bem que fizeram á humanidade, porque se outros muito produziram matematicamente, eles trabalharam bastante e pensamento. A inutilidade nos homens é relativa. A differença das naturezas psicicas foram feitas para a complementação necessaria. Nada é inutil sobre a Terra; nós é que julgamos o inutil em relação ao Ego; o que não nos serve, servirá a outros.

Porém uma coisa é util a todos: a felicidade; e esta é o equilibrio da vida material e espirital, em suma a relação do homem para o pensamento, base e objectivo de qualquer filosofia.



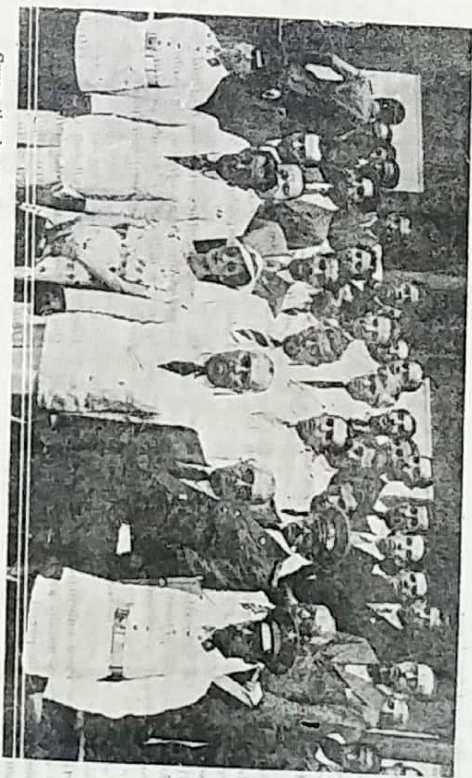
A Colegial

A MAIOR CASA
EM UNIFORMES E
ENXOVAES PARA
TODOS
OS COLEGIOS

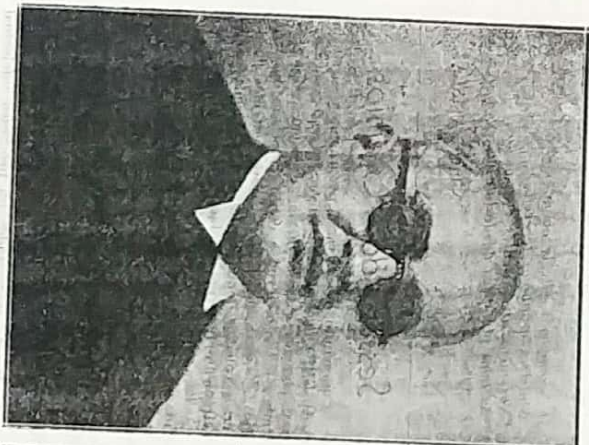
Largo S. Francisco, 38 - 40

O MAIOR SORTIMENTO
EM ARTIGOS PARA CRIANÇAS E EM ROUPAS
PARA MONTARIA PARA AMBOS OS SEXOS

AGRADECIMENTO



Grupo tirado apoz a entrega dos pavilhões nacional, do Colegial e Esportivo no Colegial pelos corpos docente, discente e administrativo.



Dr. Otacilio Pereira



Sr. Eduardo S. de Castro

O Decreto da Caridade

Proclamada a Republica foi de expectação im-mediata este decreto do Governo Provisorio pres-tado pelo Marechal Deodoro:

O Governo Provisorio da Republica dos Esta-dos Unidos do Brazil:

Considerando que o Sr. D. Pedro II penso-nava de seu bojo a necessitados e enfermos, a vi-vos e orphaes, para muitos dos quos esse substitui-se tornou o unico meio de subsistencia e educacão, Considerando que seria cruelidade envolver na queda da monarchia o infortunio de tantos desvi-tidos.

Considerando a inconveniencia de manter-se com estes soffrimentos inumerados a fundação da Republica:

Resolve: —
Artigo 1.º — Os necessitados, enfermos, vivos e orphaes, pensionados pelo Imperador deposedo con-tinuam a perceber o mesmo subsidio, enquanto durar a respeito de cada um a indigencia, a mo-bestia, a viuvez, ou a minoridade em que hoje se acharem.

Artigo 2.º — Para cumprimento dessa disposi-cão se organizará, segundo a escripturação da ex-mordomia da casa imperial, uma lista determina-da quanto a situação de cada individuo ou a quota que lhe couber.

Artigo 3.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões do Governo Provisorio, em 19 de Novembro de 1889. — *Mannet Deodoro da Fon-seca* — *Aristides da Silveira Lobo* — *Ruy Barbosa* — *Manoel Ferraz de Campos Sales* — *Quintino Bocajuna* — *Benjamin Constant Botelho de Magalhães*.

Authentica o decreto a existencia da verba *Cu-ridade* na escripturação da Casa Imperial. Pelos seus effectos honra os sentimentos brasileiros do Governo Provisorio. Honra sobretudo a causa da expedição do acto officializando em regimen diver-so a cidade verba. A causa? O corração de D. Pedro II motivando decreto unico na historia das legis-lações.

Tudo isto deve ser assignalado quando a Casa illustre do nome imperial — Collegio de Pedro Se-gundo — completa o primeiro centenário de exis-tencia.
Duas cousas exige o Instituto de ensino onde se instrue a mocidade, isto é, patria em flor de es-perança: heróes e exemplos.
2 Dezembro de 1897.

Escrevonne DOMINA

RETIFICAÇÃO

Ao Sr. Antonio Nogueira apresentamos as nos-sas desculpas pela troca do seu nome Antonio por *Jofré* na lista de socios honorarios que "Ciencias e Le-tras" fez publicar no numero passado.

NOTA

O "Eduo Mediana", que offereceu ao Gremio os retratos do Ribeiro e Proero foi o confeccionador dos quadros de formatura dos alumnos do Colégio, este anno.

A balada da Lua e do Ytral

*Os antigos yltrais luminosos
Que a escureta meta idade nos legou,
Os velhos roseiros multilobados
Que Petrus Perri pollicentou...*

*As goticas vidrucas coloridas
Que todas se illumam a luz solar,
Ou pelas fenestras bipartidas
Com pallidamente a luz do luar...*

*As goticas vidrucas que rullam
Fulgurando em clarões rosadourados,
Que pela noite uecha recostillam
A' luz dos lampadarios pendidos...*

*São meos roseiros que não tem vida
Se um momento se afisca a luz solar,
Se morre a luz da cobrada penitida
Ou se não surge a lampada luar...*

*Você é como a luz, eu sou como o ytral...
Quando você partir, a minha vida
Será qual velho castro medieval,
Qual trouxera aborrã meio aldrá...*

*Chega de illumuras pottericas
Pelas salas sem cor, frias e silas,
Pelas, as ceas, sombrias, apourentas,
Crochiam filosoficas corrujas...*

*E, como nos vitrais abandonados,
Sinistros arranhos tecerão,
Nos meos dias silentes e opagados,
As telas plumbeas da destrinhão...*

Nilson BATINGA

Sessão dos Gremios

Cumprindo o seu vasto programma, a directoria do GREMIO tem realizado diversas sessões ordina-rias, algumas extranormaes e solenes. Em Se-tembro passado, levou a effeito a "sessão dos Gre-mios", a qual compareceram representantes de di-versos collegios, tendo havido um programma verda-deiramente fraternal-estudantil.

Essa sessão foi o inicio de uma serie de aji-vidades, pois diversos outros collegios já se propri-feriram a seguir o exemplo do Pedro II. Proprieta-riando desta forma, os estudantes, a oportunidade de manter boas relações os laços de amizade, que devem existir entre os jovens, eperença desde Brasi-l, grandioso.

A "Sessão dos Gremios" devera repellirse mu-ltas vezes, porque ella é motivo de intercambio cul-tural e artistico, oportunidade, sem igual, para os verdadeiros interessados no progresso intellectual das gerações moças.

Brasil

Primeiro,
eu vi o indio de olhar alto,
visando a terra, com o passo firme,
lirando canoas dos troncos das árvores.

Depois,
quando eu olhei o horizonte,
vi largas cruzes,
galgando as ondas,
em velas pandas.

Depois,
eu vi o homem branco
sallar em terra,
pregar uma cruz
no meio do chão.

E eu vi o indio de olhar alto
dobrar o joelho e olhar o céu.

E o homem branco dividia a terra,
que era de todos
e pôs a enxada, na mão do indio.
E eu vi o indio largar a enxada
e entrar correndo a mala.

Depois,
eu vi navios chegando à terra,<
carruagens de negros
e navios partindo,
carruagens de ouro.

E eu vi indios, dentro da mata,
dos homens brancos com as indias fortes,
dos homens brancos com as negras brancas,
das negras brancas com os indios fortes.

E os filhos deles foram crescendo,
e os filhos deles foram se amando
e os filhos deles foram povoando.

Depois, vi homens de olhar herico,
devasando a mata, com o passo firme,
destruindo os troncos, com o pulso forte,
fecundando a terra, com o sangue nobre.

Alguns voltavam com as mãos limpas,
outros traziam ouro.
O ministro varde da floresta
se alimentava de vilas.

Eu vi os homens lutando,
os homens sofrendo,
os homens vivendo.

E eu vi a terra se povoando.

E eu vi estradas, ruggando a mata,
e eu vi o negro semeando a terra,

e eu vi a terra se abrindo em flores
e as fazendas extensas,
ontilhando os perites douros do milho,
sapicadas de frutos rubros de café,
agilhando os capulhos altos de algodão.

E eu vi os homens livres,
governando-se a si mesmos,
humanos,
independentes,
entusiasmatos.

E eu vi o ouro jorrando da terra
na mão dos homens.
E as cidades repentando, aqui e ali,
e a terra se povoando.

O indio,
o branco
e o negro
eram um só homem.

Um homem forte,
inteligente,
sentimental.

E eu senti que aquele homem
ia ser o mais feliz do mundo.

Mas um dia...

Eu vi o homem mudar de repente.

Eu vi o homem alheio à terra.

Eu vi o homem ambicionando tudo,
sem esforço.

Eu vi o homem abandonar o livro.

Eu vi o homem matar o irmão.

Eu vi o homem lutar sem ideal
e morrer sem gloria.

Não via o futuro e esquecia o passado.

Querria trocar a sua bandeira
e abandonar seu Deus.

E eu senti que aquele homem
que havia nascido para ser feliz
era o mais infeliz, entre todos os homens.
Porque tendo tudo, tudo lhe fallava.

Então, o meu olhar cansado se desviou
e eu quedei, pensativo,
tentando a ruína do homem.

E os meus olhos ofuraram-se, afilhos,
procurando fugir ao espectáculo sombrio.

Um dia,
eu os abri bestilando.

E a minha alma sentiu que havia
uma vibração nova em cada coisa.

Palavras dos mestres sobre Cursos Acaêmicos;

"As instituições do Exterior passaram durante estes 100 annos por tres periodos. O primeiro teve da fundação até 1874. As aulas que dão para as ruas do Acre, Camerino e Marcell, Fioriano (esta pela metade), tinham um só aula. Construção pesada, de grossas paredes; sem janelas para a rua, apenas grandes oculos collocados á media altura. Fechando a rua Largo, ficava a Igreja de São Joaquin, cuja portaria corria perpendicular á fachada do Collegio, no ponto onde hoje é a portaria. No interior, dois claustros do velho seminario, um grande e um pequeno.

O segundo periodo teve de 1874 á administração Mello Mattos. Levantaram-se segundas paredes nas alas acima indicadas, construindo-se o esplendido salão de honra com cinco largos pannels no tecto estriado, throno imperial, estrado para a Congregação, tribuna para a musica, paredes ornadas e assalho com desenhos feitos com lacos de madeira de lei.

Construiu-se tambem na esquina das ruas Camerino e Marcell Fioriano uma estrada curvilinea sem apoio, admiravel obra de arte decida ao architecto Behnencont da Silve, construtor tambem do salão. Neste periodo, para alargamento da rua estreitada de S. Joaquin demoliu-se a igreja, construiu-se a continuação de fachada na rua Marcell Fioriano.

Tal construcção fez diminuir o tamanho do pátio grande, outrao occupado por "carridos approlhos de gymnastica.

O terceiro periodo se distingue pela remodelação completa do edificio, aproveitandose apenas as paredes mestras e o salão de honra, assim mesmo, mudado este, refinando-se a tres quintos do que foi.

Abriam-se janelas nas alas da rua Camerino e Acre, elevou-se o nivel do primeiro pavimento, desappareceram os muros "velhos" das construcções de 1838, com a destruição das arcadas dos antigos claustros e com a remodelação da antiga cozinha e do antigo refectorio de paredes forradas de azulejos e substituidas por "gabinets de physica, chimica e historia natural.

Deseu-se no telhado a forma de uma alta mansarda e substituiu-se a arcada curvilinea de madeira por outra de ferro. Nas salas de aula realizaram-se grandes transformações. Remodelaram-se os gabinetes de physica, chimica e Historia Natural. Construiu-se salas especiaes para geographia, mathematica, historia e desenho. A biblioteca e o archivo receberam estantes de aço. Remodelou-se o salão de honra. Creou-se uma grande sala de lecturas, um refeitório, installações para os alumnos, gabinete medico.

Mas o desenvolvimento da cidade e as exigências do ensino exigem imperiosamente a mudança do collegio para lugar onde se disponha de espaço para educacão physica e recreio dos alumnos. E' de esperar que quando completado a segunda sessentaria possa o Collegio installar condignos, embora se veja obrigado a abandonar com saudade suas velhas installações tornadas insuficientes".

AGLIBERTO XAVIER.

As festas commemorativas do primeiro centenario da fundação do Collegio Pedro 2º tem despertado expansões de sympathia e recordações das grandes que sustentam bem o poder da continuidade historica. Com annos de existencia bastaram para dar-lhe forte impulso, apesar da falta de unidade em seu ensino, confora a divergencia de idéas influentes á revolução moderna.

Cada governo, cada ministro que toma a si a administração do ensino, julga deficitosos todos os regulamentos anteriores, errados todos os programas que se tem succedido, e pressente que sae dar a derradeira organisação, a ultima palavra na direcção do ensino. Não é mister que se haja escutado o periodo presidencial, basta que novo ministro assumna a pasta do ensino, para que a deslização appareça e outra tãda tenha orientar novo regulamento, novas programações. Em todos estes mudanças só uma coisa é inmutavel — a tal de que errado é o que estava feito, e que certo é o que se vai fazer. Mas, tudo não obstante, o Instituto continua e conserva a sympathia dos que nelle têm convicção, e o que mais é, ganha, impregnar reputação.

Se os governantes se persuadissem da importância que têm nas aprendizagens e nas organisações certas orden alienamente das lacunas e evitando que mudanças bruscas impedissem o progresso, como nos sistemas mercantios diminuem e até annulam a força vital.

São os professores, só ellas e a despeito de tudo, que fazem os Institutos de Ensino.

JOSE ACCIOLI — "Com a fundação do Collegio Pedro 2º em 1837 inaugurou-se no Brasil o Curso Secundario Official, de sorte que a vida de ambos se confundem, sendo commum a um e outro os successos e "vezes" que têm acompanhando a marcha dos estudos de humanidades em nossa Patria. Orel "engrandecido, ora diminuido, o Collegio Pedro 2º tem desempenhado, gloriosamente, o seu papel de estabelecimento padroeiro d'aquelle ensino, que é a base, o fundamento de toda a cultura solidã."

a centenaria da nossa Colégia:

PEDRO DO GOUVO — "Que no proximo centenario o Collegio Pedro II seja mais feliz."

QUINTINO DO VALLE.

O Collegio Pedro II, completa o primeiro Centenario de sua existencia radiosa. Como, porém, ha de viver muitos séculos, poderemos considerá-lo uma instituição de "tempo ideal".

Seu exegiro: comparemo-lo a uma criança de 10 anos. Toda a sua grande e nobre familia se adora e orgulha para lhe festejar o maior dia. Altorça e eugula promessas magnificas."

Mas uma criança admittivel, como esta, agradece os presentes e não esquece as promessas. Tem juizo, talento, bezaço e boa reputação; ganha medallas, colégio de selos, quasi tudo. Só lhe fica faltando a roupa nova.

O dinheirão que se mexa: o prometido é devido. ESCRAGNOLLE DORLA — "Fichestat nec mater" tal a grande diuza das armus de Paris. Em ponto menor a do Collegio de Pedro Segundo num século de existencia "Fichestat vado subinterger". Assim seja sempre."

GEORGE SWAMER — "Na comemoração do centenario do Collegio Pedro II, festeja-se a gloria d'aquelles que passaram pelos seus bancos e serviram-se dos conhecimentos nelle adquiridos para se elevarerem na missão que lhes coube desempenhar."

CECIL THIRE — "O Collegio Pedro II (Externo e Interno) dá, nos seus diferentes cursos, instrução a mais de 3.000 estudantes. Esvae festejar o seu primeiro centenário de glorioza existencia em edificios mal simulados, acanhados, em tudo inferior a muitos collegios parthenares, frequentados por meos de 300 alunos."

OTHELO REIS — "O Collegio Pedro II tem sido quasi ininterruptamente um dos mais formosos padrozes de nossa cultura. Passa elle, no segundo século de existencia que ora começa, a ser restaurado o tradicional prestigio e refortmola sua organisação num sentido moderno, sob o conselho de seus professores experientados."

WALTER CARDIM — "A comemoração do Centenario do Collegio Pedro II, pôde ser razão para dois sentimentos opostos, alegria ou tristeza. "Alegria" por ter resistido a todas as transformações politicas e sociais por que passou o nosso país, resistindo a tudo e chegando

ao seu primeiro centenário como uma verdadeira tradição nacional, padroeiro de orgulho do ensino secundario, "Tristezza" por ter sido o unico estabelecimento fundado pelo governo, não grado ninguem discurta precismos de instrução como o gannito preciosa de péo."

ARLINDO FROES — "Praza aos Deus, que o Collegio de Pedro Segundo nos seus outros centenarios mantenha e amplie as suas gallarbias tradições de intellectualizador da mocidade brasileira, e que en seja... através os meos descrendentes."

ROBERTO ACCIOLI — "Surtingido sob os auspícios de um imperador ainda bem jovem, tornou-se o Collegio Pedro II uma legitima casa do Estudante. Em seu ambiente democratico tornados professores e alumnos ha cem annos traziam obra de profunda nacionalidade."

OCTACILIO PEREIRA — "O Collegio Pedro II, na sua gloriosa velhice, está contentado de que vem correspondendo á conjunção que nelle desponta o Brasil."

O Pavilhão

OUVIDOR, 108

FARDAMENTOS

PARA TODOS OS COLÉGIOS DO BRASIL

Enxovas para Meninos e Meninas
Linhas de Tiro e Artigos Militares em Geral

GRANDE SORTIMENTO DE MATERIAL
SPORTIVO

TELEPHONE 23 - 3428

A vantagem que os passes dão



Garantem a
viagem dos seus filhos

COMO SE PODE COMPRAR

Passes de 100 reis em tiras de 10 passagens ao preço de	1\$000
Assinaturas de 200 reis em tiras de 10 passagens ao preço de	1\$800
Assinaturas de 300 reis em tiras de 10 passagens ao preço de	2\$700
Assinaturas de 400 reis em tiras de 10 passagens ao preço de	3\$600
Idas e Voltas (até o final da 2.ª Secção)	\$500
Idas e Voltas (Gavea, Copacabana, Ipanema ou Leme)	\$700

(CIA. JARDIM BOTANICO)



ONDE SE PODE COMPRAR

NO ESCRITORIO DA RUA LARGA: NAS AGENCIAS DA GALERIA CRUZEIRO, AGUAS FERREAS, PRAIA VERMELHA, GAVEA, IPANEMA E LEME; E NAS ESTAÇÕES DO LARGO DO MACHADO E LARGO DOS LEÕES.

(CIA. JARDIM BOTANICO)

Nascimento

dos

Deuses

Chinezes

(RASCUNHO)

FERNANDO SEGISMUNDO

As tradições míticas dão à China existência superior a 30.000 annos, a História, porém, fahsurvir no seculo da Humanidade no anno 3.000 A.C., apenas. Assim mesmo, e apesar da grande escuridão reinante nos primordios de sua civilização, ha que negar-lhe a duração dos mais antigos entre todos os outros povos.

Seguramente, sabe-se que os actuaes chins originam-se de tribus mongolicas (amurellis) que, tendo no rio e a fonte, inauguram de Chen-si para Chang-kon ("centro da terra") ou Tien-an-ca. ("Terra no contendo tudo o que esta debaixo do céu").

O nome de China foi dado ao paiz pelos malaios e hindus que assim o designavam por causa de uma dynastia denominada Sin.

O territorio, que occupa o planalto central da Asia, em, como ainda em nossos dias, fertilissimo, dando-se nelle admiravelmente varias especies de cereas, servindo de base á alimentação (o arroz, principalmente); o algodão, com o qual o povo se



vestia; o bambu, aproveitado na construcção de moradas e templos; o chá, primeira bebida; a amoreira, a pimenta, o fumo, etc. Beneficiando mais ainda, a prodigalidade do solo, importantes rios atravessam o paiz regando-o em todas as direções; (Chang-shi, Kiang, Si-Kiang e outros).

Após a rivalidade dos tempos ante-historicos, segundo opinião geral, Fo-hi ou Fu-hi é o primeiro personagem de existencia provavel que organiza verdadeiro governo e estabelece a religião official, não passando esta, é claro, de mero "mysticismo sexual", de similes e esportanea adoração pela geração dos animaes e vegetaes cujos productos alimentam e agasalham. (1).

A Fu-hi succederam varios chefes até que surgiu Ouang-ti, cuja mulher — Lu-Tsu' — ensinou a

(1) — A certonihi, de seculo, que exigia sacrificios de animaes e, até, sérias humilhações contra da Terra, é conhecida pelo nome de "Chim".

Vilhains. E alem, semi-escudilhada pela faixa alva-centa do Istmo, a fortaleza do Mar, em cista do seu Recife.

O sentimento encimava com delicia, o mosqueado e esquelido nas mãos, flando distratamente a cidade de Nassau, toda rosca do sol que surgia incandescente e fubro entre nuvens yermelhas. Um cartaz passou num voo rapido. Na volta dos muros do forte, junto ao fosso, rolava um burrico, montado por um mulato. Um vento fresco enfiava a camisa do homem e revirava-lhe as almas do chapetão de palha.

Van der Bass contemplava-o com olhos atônitos. Como conseguira de passar a mont'obra, publicando de "independentes"? queria elle vender alguma coisa, em Marjella? fazia um bello negocio, tanta, era a fonte. Mas nesse caso devia trazer alforques. Firmou a vista. Justos cusul ja estavam eles na garupa do burrico. Os olhos do barão luziram. Desde o outro dia não comera nada. O estomago já lhe doia horrivelmente de fome. Não bestiu. Ergueu o mosqueado, firmou a mira, balou fogo. O pelouro partiu. Porém, ao mesmo tempo que o seu, outros dois tiros partiram, do outro lado do forte. Van der Bass encobriu os ombros, o eco latvez.

Mas o alhoceve, varado pelos tiros, desabava pelo chão numa sangueira deslizada. O burro largou a garupa em direção ao fosso. E lá em baixo perto das muralhas, mesmo em frente aos entranhamentos, clarou ao chão os alforques. E o asso suntuo no bonse entre nuvens, de pó.

O flamego ardeceu. E agora? como apunhar os alforques? não havia remédio senão meter o pé pela campina do Taborda. Lançou um olhar em torno; ninguém. Carregou o mosqueado, travou-o, passou-o para a mão esquerda e agi como um gato escaldado a miuro. Desceu no fosso. E lá fora. E do burro em direção ao fosso. E lá fora. E do burro em direção ao fosso, saltou em direção aos alforques que já ao longe ostentavam seu bojo promissor de lantejoulas boas.

Mas um assavio agudo cortou os ares. Ussou roufeara uma tábua, do outro lado do Capilheiro. Os buerges do Gamarão tinham-no visto. Que inferno! maldito "Gamarão" já uma seta zumbidora cravar-se a dois passos, num calote! Uma pocena guareira estridua. As setas choveram! Van der Bass encobriu-se todo. Dezennis bateram-lhe no mortifio. Vários pontapem-lhe os fundillos. De um arremesso, Van der Bass meteu-se atriz de um pedregulho. A rajada cessou. Cautelosamente arriscou um passo tremula, depois outro, e outro mais. Mas já a genhe/d' capilho Fagundes o abreviar e o flamego nos saltos meteu-se numa cova barrada, oculta atraz de um "penaque" de palmeiras ramalhadas. Mas a surpresa sem nome já não estava outro soldado. Flanqueado também, atacamam-no o consortele justo e os canhões yermelhos. Era um concorente aos alforques latvez. Na certa fora dele o llo que malara o maluco! no mesmo tempo que o seu. A um concorente foi mandado e a folclama se'olou em cheio, no presceço do homem que tambon logo, morto. Van der Bass lançou a primeira das folhas de um quibaleto que velavari no fosso e cautelosamente arriscou o nariz fora dele. Não foi alvoado! Deitou largouse nos alforques como São Tiago nos mouros.

Mal Metafísico

Para o Aldebaran do Norte

Mas que diabo! outro soldado tambem se aproximava a toda pressa. Era com certeza o autor do terceiro disparo. Cada um se ferrou a um surto. E os dois meteram a mão numa botella que tambem era do burro. Flanqueado com odo. O egoismo do fono iria causar outro morte? não, porque o soldado leve bom senso e falou:

— Vamos que no forte haremos de dividir.

E voltaram ao forte, de trastos como canhões, feridos, estafardados, e ainda mais esfomeados. Chegaram as bandeiras onde alguns soldados Urtevenum com os "independentes".

— Vamos dividir a coisa — disse o soldado. Van der Bass fez um gesto de assentimento.

Os dois se abancaram a um tamborete e abriam os alforques. Estavam cheios de biscotitos. Abriam a botella. Continha vinho espanhol, Margreite, leijão, portem, melhor que o rio que Van der Bass devorara na vespera e que o pedago de burro que o outro tinha no estomago. Van der Bass propoz que se fizesse uma sopa e o outro saltu a preceira de uma yastilha. Voltou com uma conca de pão. Tachena de vinho e de biscotitos. Ets uma bolta sopa. Porém, é pouca para dois bravos que desde a vespera não comera. E cada um pensa em eliminar o outro. E a fonte, a negra fonte que os faz assassinos. E o soldado diz:

— Est' d'lelei mais biscotitos e quero mais.

Van der Bass ergue-se logo, proventando, respaldado, e não na toledana, porque o burro não se aban.

— Veremos se teres mais.

O outro levantase tambem. Arranca o facão. Mas uma bala de vinte e duas libras bateu no muro, no alto de suas cabeças. Im seguida mais duas. E então começa a dançar. E um ataque dos "independentes". Um bando de homens avança pelo sul. São os prelos de Henrique Dias. Um alferes flamego passa a correr seguido de uma leva de homens, em sua direitura. As balas e as setas choveram. Mas os dois nem as ouvem, prestes que estão a se-estragam por uns biscotitos.

Van der Bass erguia já a toledana quando uma bala de canhão passou roncando rente aos dois. E quando ele olhou, o outro estava ainda de pé, a adigir em punho, mas com um sangue grosso e flamegante a escorrer-lhe do presceço. E no thomborete, mesmo dentro da conca de vilhio, a cabeça ensangueitada. A bala decapitara-o. O tempo debrou-se em dois e lentamente se abiu. Mas sangue jorrou.

Ao longe viviam ainda os clarins. Os negros retiravam delatixo do murtido logo. O alferes flamegante e o soldado de pedregulho, deslizando ab trasto.

Van der Bass mirou um instante a conca de vilhio, cheia de sangue e de biscotitos e fez uma careta de nojo.

— Agora, pedes toma-la toda, não a querdidada. E atalou-se para dentro, para o refectório, e jantou. E o magro caldo de um paguagato que servia de kashina a bem do estomago batava.

O sol já ia alto. Do cedeinte, os permannucos aljavam vida. E a conca de vilhio já ficou com o calibco de conservar. Flando com os olhos vidrados o outro, seu azul ferrete.

Mal Metafísico

Para o Aldebaran do Norte

Mas esteras granham, sem cessar, desde milénios, no tier, respaldentes, a dor da Humanidade indifferentes, na refulgencia de um fulgor sem par.

A Humanidade sofre, gene e juta, clamando, em vão, contra o destino atroz, os mios em prece, em face do Universo, mas insensível do que a pedra bruta!

A Natureza esplende e o sol glorioso, na sua indifferença soberana, esmolda de outro a misera cumpam que é, do meulido, o deturmetro pouso.

E o pedo da tormenta, incendiante que a Terra faz tremar, ora fulmina e crispada e o vilhoso, ora calcina o lupanar e o templo maldito!

Ha no mudo da Natureza limpo um misterio de estingido semblante, que a Humanidade — eterno camilante — flando o Cósmos, busca decifrar!

E como a Humanidade em desatino, interpre-me em face da Quimera: — Quem sou? — Pare onde vou? — E que me espera? — Onde poverenho? — Qual o meu destino?

Soneto

"A natureza, contrasta em grandiosidade com a perversidade humana".

Medrosa, a Madrugada vai passando, Talvez da Noite misteriosa e fria...

Vem fúrida, anteante, a passo brando, Pinta a corluna tenebrosa e espla...

E a Aurora pé a Terra se banhando Calidamente, na luz e na poesia...

Sorha o poeta, embriagado e feliz quanto A Aborrida lhe traz mais fanfaisa...

Sopra, serrenamente, a brisa, Apita Adm, uma, ofetiva, já é dita...

Mocimérios febris. Tudo se agita...

De eu me abismo, infeliz, na pouquidade da minha alma — eu a tenho bem vozta — A esmanar, perversa humanidade...

Indujara BABARIZ.

Mal Metafísico

Para o Aldebaran do Norte

Adens, laprimas, versos, abandonado, fido ofital que me falta triste...

Retorna, corredo, ao olho dono, sangrante pelas dores que carpsite...

Já nada me conoue, no que outora em tantas emogoras me fez vibrar...

O esquecimento é a chama que detoura...

Do cêrere sombrio, retalhada, pode feliz minha alma contemplar o céu, o sol, os passaros, o Vitho...

Ferdinando de CARVALHO

Tal como o despertar de um longo sono, sinto que esse amor já não existe, e enflin sou qual alguém que morto o Ontono, ao reflectir das ilusões assiste

Mario Cruz

Resurgir

Ferido e despartido de um longo sono, sinto que esse amor já não existe, e enflin sou qual alguém que morto o Ontono, ao reflectir das ilusões assiste

Ferdinando de CARVALHO

Historia da Geographia

Hugo Segodas Vianna

A evolução da geographia na antiguidade classica subordina-se nos progressos das sciencias hellemicas e a extensão do mundo romano.

Com a escola jonica (sec. 6.º a.C.), os gregos affirmaram a esphericidade da Terra: Thales de Mileto entreviu-a, havendo seus conhecimentos no Egypto. Foi dessa theoria que nasceu a hypothese dos *antipodas*, que deveriam se local pelo pé.

Aristoteles e outros estudaram a terra habitavel, o ecumeno e as noções imperfeitas sobre a natureza do solo, as quais dividiram os philosophos em dois partidos: os que davam no fogo (*phatonicos*), papel preponderante na formação da Terra e os que reconheciam a agua (*aeplutianos*) como factor principal.

A esses principios, juntavam os gregos noções mais exactas sobre ventos, chuvas e aguas correntes, e mesmo sobre o homem. São dessas phase os estudos de Aristoteles sobre a "Meteorologia" e a "Politica" e os trabalhos, no tempo romano, de PLINIO.

Tudo o esforço, porém, da geographia antiga está condensado em duas grandes obras do genio grego: a GEOGRAPHIA DE STRABO, em 8 livros, onde ha a combinação da historia com a geographia e onde o philosopho procura dar importancia preponderante aos estudos humanos; e a GEOGRAPHIA DE PTOLOMEU, lista de longitudes e latitudes, que lança os alicerces da geographia moderna, acompanhada de 27 cartas. Verdade é que os gregos desde a escola jonica (com Hecateu de Mileto) possiam cartas summarias; e foi Dicaeuro, illustre discipulo de Aristoteles, o primeiro a executar uma carta orientada, que elle denominou de *Dialphragma*. EPISTOSTHENES de Cyrene, bibliotecario de Alexandria, foi quem imaginou as listas que correspondem ás nossas latitudes e longitudes. De HIPPARCO são os parallelos equidistantes. E o primeiro globo de Crates de Mallos.

Porém, só com as 27 cartas de PTOLOMEU é que se empregou um systema de projecção scientifica. Apesar de muitos erros, como o de ter extendido o Mediterraneo 200 a E. mais do que na realidade e a Asia até a longitude da California, o grande geographo foi o primeiro a dar uma feição scientifica á representação da Terra, com o seu systema de projecção conica, onde os parallelos e os meridianos são linhas curvas.

Após Ptolomeu, os romanos pouco additaram á sciencia geographica. Praticos, consagravam guias, roteiros, *cartas itinerarias*, de que a labouza de Pentha ger é uma preciosa reliquia.

Na Edade Media, no mundo occidental, germos arabes, viajantes insigues, mas na sciencia, se limitando a commentar as sciencias hellemicas) — a geographia só logrou adiantamento com o movimento intellectual que culminou com a Renascença. Rogerio Bacon trouxe à tona a esphericidade da Terra. Mas as legends dominavam o espirito medieval; Marco Polo é um exemplo expressivo.

As escolas scientificas formam-se, todavia, E de maior esplandore a de *Nirenberg*, e ainda os dois sabios Italianos e a da Catalunha. Os primeiros mestres de Sngres foram os Italianos; a tradição conserva o nome de *Cadmosio*. Colombo é um discipulo desse movimento intellectual; o nome de Toscanelli e de Martin Behaim são famosos.

As *portulanos* medievares, de que são admiráveis amostras a *Carta Catalana* (1375) e *Fra Mauro* (Veniza, 1457) succedem os primeiros mapas e cartas, enriquecidos pelos conhecimentos devidos aos Grandes Descobrimientos. *Waldseemuller* cunha o nome: *America*, em 1507. Os *mapas* de Juan de la Cosa (1500), o de *Cantino* (1502), o de *Diego Ribero* (1529) registram os extraordinarios conhecimentos.

Já na Edade Media, o genio de *Petro Nunes*, professor em Salamanca, *Invençta* o *novitas*. Na época dos grandes descobrimentos surge o livro de *Schöner* *Minster*, pôde-se dizer o primeiro tratado de geographia descriptiva; chegou a ter 44 edições (1544 a 1650). Mas só com *MERCATOR*, filho de Plandres e cujo nome verdeleudo é Kauffman, operase a revolução da sciencia geographica. Surge o *planisphere*; Ortelius inaugura com o seu *Theatrum Orbis* as grandes collecções de cartas modernas. Vahi em diante, com os progressos das sciencias physicas e mathematicas evolue a geographia, como sciencia. A gallia, a Kepler, a Huyghens, a Pascal, a Newton devem os fundamentos da geographia scientifica o seu melhor contingente. Em 1680, em Amsterdam, publica-se a *Geographia Generalis* de VALENZUS, obra singular e que, inveniçta ser traduzida por Newton.

No sec. XVIII, os trabalhos que tiveram como remane a determinação das medidas da terra, (Picard, Murrerius, la Condamine) e a construção das primeiras cartas de Estado, Maior (Cassini) em prestaram um surto definitivo á sciencia.

No apogeo do sec. XVIII, KANT lança os fundamentos da cosmogonia e da geographia scientifica; naquella, prepara um *Laplace* e nella um *Humboldt* e um *Ritter*.

A revolução devida nos dois grandes genios que foram Humboldt e Ritter é das mais profundas e definitivas. De carácter e tendencias diversas, elles felizmente se completaram.

HUMBOLDT (1766 a 1859) é pelo gosto e pela educação, um homem de sciencia, naturalista e grande viajante; percorreu, observando com attenção todos os factos physicos e biologicos, o Mexico, a America Central, a Colombia e Venezuela; e na Asia Russa caminhou seguindo os rastos do celebre Pallas. Humboldt, em suas publicações, é simplesmente um homem de sciencia, completamente despidido de preoccupações pedagogicas.

AO contrario, RITTER (1799-1859) é um homem de gabinete, é um historiador e philosopho por educação; é antes de tudo, um professor; suas publicações salham do ensino da Universidade de Berlim e as preoccupações pedagogicas nelle habitaram.

Não ha palavra para exprimir os meritos de Humboldt: o immortal autor do "Cosmos" emprega os methodos de observação, em quasi todos os ramos da geographia physica, generalizou o emprego dos barometros para determinar as altitudes. Construiu a primeira carta isothermica; mostrou os contrastes entre as costas orientales e occidentales; creou a geographia botanica, baseando-se no aspecto das plantas e as suas relações com o solo e o clima. Nenhum viajante delle se approxiou como observador; basta ler os seus "Quadros da Natureza". Equivalente, foi geographo de ampla visão, e de facto, por dois principios essenciaes, fez da geographia uma sciencia distincta e não um complemento de sciencias physicas e biologicas. Estas principios são o da *quantidade* e o da *coordenação geral*.

Assim enunciou o seu 1.º principio: *Nunca ficar satisfeito com o exame de um phenomeno, sem tentar subir as causas que determinam sua extensão e sem procurar suas consequencias*.

Foi esse principio que vivificou os diversos capitulos da sciencia geographica, principalmente o estudo do relevo do solo e a autogeographia. Assim, a descripção das formas dos terrenos nos apparece hoje inseparavel de sua explicação, e esta explicação supõe o estudo de seu passado; todo o relevo do terreno é uma phase transitoria de uma evolução mais ou menos adiantada. E' esse principio que transformou em realidades vivas as formas aparentemente fixas do relevo terrestre.

O 2.º principio, o da *coordenação*, que foi mais tarde tambem expresso como energia por Ritter e ainda recentemente por Vidal Lablache, é o seguinte: *O estudo geographico de um phenomeno supõe a constante preoccupação de phenomenos analogos que podem apparecer em outros pontos do globo*. Assim, por exemplo, se são estudadas as caracteristicas de um certo vento regional, as enchentes de um rio, no 1.º caso far-se-á obra de um meteorologista e no segundo de um engenheiro hydrographo, e só se

fará geographia se for possível collocar os factos observados sob as leis dos movimentos da atmosphera ou do regimen dos rios. O exemplo classico das vantagens de semelhante methodo é a admiração vel "Face da Terra" de Suess. A esse principio devem-se as homologias dos continentes, que culminam a attenção do profundo Peschel sobre a geographia humana.

Humboldt, pelo principio de coordenação, realizou a união fecunda da geographia regional com a geographia geral, até então separadas.

Se não houvesse Ritter, as idéas de Humboldt teriam ficado, por muito tempo, limitadas a um estreito circulo de sabios e não teriam desido até o grande publico. Ritter, e é esse o seu grande merito, sentiu e formulou os principios que Humboldt descobriu e applicara, mas não enunciaría dogmaticamente. Ritter desenvolveu principalmente o principio da coordenação geral: não podendo fazer o mesmo, e elle o reconhece, com o principio de causalidade, pois, nem era naturalista, nem physico como Humboldt, porém um philosopho, influenciado por Herder. Para elle, o que chamamos hoje a *idéa teleologica*, domina tudo; a Terra é o Theatro da actividade humana; o homem ahí representa o mesmo papel que a alma no corpo.

Ha, ainda, um 3.º principio que domina toda a geographia scientifica e foi admiravelmente exposto por F. RATZEL: é o *principio da extensão*, "O methodo geographico consiste em determinar a extensão dos phenomenos sobre a superficie da terra". Assim, o botânico que estuda uma planta, seus camdiões viles, sua posição na classificação, não faz geographia; porém se procura determinar a sua área de extensão, faz geographia botanica. O estalístico, quando combina os numeros obtidos para estabelecer a marcha dos diversos phenomenos demographicos não sabe do terreno estatístico; porém se tenta o estudo da distribuição das populações pelas diversas regiões, forma-se geographo. O principio da extensão é evidente e exige a necessidade do desenvolvimento da cartographia.

Dentro destas principios scientificos podemos definir a Geographia como: *o estudo dos phenomenos physicos, biologicos e sociais, sua distribuição sobre a superficie do globo, suas causas e relações reciprocas*.

Em summa: a geographia é uma sciencia natural e já na classificação de Wundt figura entre as *sciencias da natureza ou sciencias de objectos*. Mas longe de ser uma sciencia de analyses, "moleculares", como a geologia ou a oceanographia, é uma sciencia de conjuncto, de massa, "molde", na expressão de Camille Vallaux.

ATLANTIDA

A base da historia do mundo

ACAMENON DE MORAIS

"Muita gente tinha Le-Duhin, perplexo ante as civilizações antigas: 'Mas, já fomos maiores do que somos agora!'"

Si as ruínas falassem... elas nos contaríam, que as reconstruções de Seneb, Jerecolit, Pousain, Hermann, Renouf, Brunsch, Nautille, Otto, Alberti, e outros sábios, ainda não disseram nem a metade do verdadeiro passado dos povos na Terra". Assis Sintonia.

Aparecem no calendário da existência visões singulares, imagens que não trazem infatigável vestígio de humano! Parece que nos revivemos condições milenares, corroidas pela força portentosa dos séculos, trituradores infinitos do organismo e do organismo, que nos estariam com seus transformismos tenelrosos e letais. E, no silêncio, na maldomusica maelchiriana, um ritmo hipertranscendental nos aterroriza e sentimos um arrepiado gelado correr a medula. Espíritos na vibração noturna horrozzam; e o medo, esse monje dos cremitérios da alma.

Foi assim que surgiu, no torvelimbo dos nossos pensamentos, a ideia aterrorada da civilização que morreu: Atlantida!

Atlantida! nome que simboliza a inutilidade humana, porque o homem, com sua subleitoria, com todas as convicções que chamam: ciência, estocou alcançado no limiar da realidade das aprendizas do ciclo super-civilizado, que terminou com um cataclismo cósmico, mictistoféico poder incognoscível. Quanta lenda, milênios, quanta lenda de estranhas origens, não traz um tanto verdade! A civilização prediluviana dos atlantes ofereceu um interessante paradoxo: é evidente, apesar de hipotética... Dessa fecunda civilização, já se vislumbra algo no celebre livro de Platão: "Atlantida". Como disse Assis Sintonia: "Em varias lendas de religiões, diferentes, notamos alusões a um povo prodigioso, que viviu em eras remotas, e foi destruído por elemento líquido."

A lenda mitológica de Deucalio, tipo da crença de Noé, foi plasmada nesse conhecimento, que ficou em relevo na mentalidade fértil dos gregos daquela época anarfarada. A lenda de Heracles, representou simbolicamente, esse povo que suscitou de Scott Elliot a obra THE HISTORY OF THE ATLANTIS. Existe também a de Prometheu. Já se na mitologia o iniciador das civilizações.

Considerando a teoria darwiniana, faz crever que, si as espécies se originaram de um só tronco (dize-

mos inicialmente) e de animais forçosamente inferiores, subindo-se que os animais inferiores, em geral, são hermafroditas, existiu, sem dúvida, o hermafrodito, no princípio da civilização humana. Parece, a principio, um absurdo. Todavia, conversando com um filósofo boêmio, E. Wilho, tivemos a brevidade de ver constatação esse ponto de vista, com uma documentação extraordinária. Falou das lendas da Oceania, da crença que esse povo tem de haver sido andrógino (vocalismo lembrado pelo filósofo), das cerimônias feitas por ocasião da puberdade, nas quais é proibido, com pena de morte, o ingresso das mulheres. A certidão é para praticar no pens: uma incisão e assim fazemos com que a crença se continue por todas as gerações.

A simbolização bíblica é parecida. Surgiu primeiro Adão na Terra e de Adão foi tirada a Eva. Eva era um lado de Adão e não uma costela. A confusão do hebraico: de costela e costela é questão apenas de pronúncia, como no francês: cote — lado, coté — costela, etc.

Mais adiante, na Bíblia, diz Adão ser Eva carne de sua carne; por conseguinte, essa questão é explicável. Há, entretanto, historiadores que afirmam ser Adão o símbolo de uma raça, que se fundiu com outra raça, simbolizada por Eva, ou foi a origem desse povo.

Esse vestígio primitivo de tirar um ser de outro ser, ficou indelevel na humanidade. Isto simples, tão comum, que o homem não percebeu a sua grandiosidade. Nesse emaranhado de complexas, desse labirinto de pensamentos hipotéticos, salmos atônitos, com os nervos lassos, com terras de nos abocornos, de nos displicermos no vortice das vertigens. E, porém, não, nos limpamos de nossa sensibilidade, o eco dessa grande civilização, a ressonância: Atlantida! como os signos sonoros de cataclismo abandonada!

Alguns remanescentes dos atlantes vieram aos montes Atlas (local onde se abisgamam do tendão no telúrico), e fixaram-se no laboratório do Nilo, onde ainda os vegetais crescem, ostentando a pigmentação colorida de suas palmas politerminadas. Existem atônitos perdidos como prova da existência desses homens primitivos. Depois que o laboratório ficou estéril, eles se radicaram, em número de quarenta e duas tribos aproximadamente, no vale, constituindo os homens.

Comença com esse povo, cujo nome verdadeiro é Khenno e não egipto, um novo período histórico, o qual assembrou as gerações que, com a objeção da inteligência, por entre as flogações da cultura, lhe sentem as vibrações preteritas na essência dos papirus e nas configurações das obras de arte.

Todavia, para nós, esse agrupamento humano, que nos surpreendeu pela grandeza de sua ciência, motivo de estudo para Abbé Moroux no seu livro SCIENCES DES PHARAONS, foi apenas um ramo dos atlantes, pois a civilização da América evidencia, também, que se desmembrou dessa legendaria Atlantida. "Mas, quantas civilizações já desapareceram na voragem dos milênios? pergunta Assis Sintonia. Novéis classificou-as. Jerecolit tentou expô-las: 1) civilização austral, 500 séculos antes de Cristo; 2) atlântica, 450; 3) do Gobi, 350; 4) do Tibet 250; 5) da China, 150; 6) da Índia-Vedica, 100; 7) do Egito, 50; 8) da Babilônia, 10.

E da América? talvez se distancie dezenas de séculos da civilização cristã."

Si não me falha a memória, em 1935, foi descoberto pelo arqueólogo Alfredo Fubhrinn, fazendo escavações em Milta (México), "ruínas de uma civilização anterior à egipta, 20.000 anos, e, porém, mais fastosa do que as dos singulares faros. Entretanto, a semelhança é tão recalcada que ahurra

Triste Batalha de Sinos

N. Baccetti

Ao longo, no fim da intensa agra de Coqueiros, bem no chmo daquele monte que ficava distante da cidade, Cacilda se achava recolhida à um leito do sanatório Santa Jerez, de onde anseava sair e retornar ao lar de que se sentia tão saudosa.

Havia tres semanas, já, e sua boa mãe não ia vê-la.

— E' de admirar — dizia — muito... muito; minha querida mezinha, que não se esquece de mim! Que lhe teria acontecido?

D. Angélica, desde o falecimento do seu extenuado marido, em lamentavel acidente, parecia sobreviver por aquela filha e outrasmilha de tres annos, únicos de sua vida — como sempre dizia.

Aparente dos grandes esforços que dispunha tranquilamente até alta noite para prover ao sustento da casa, não deixava de cercar Cacilda com seus desvelos e carinhos, ainda mais que a reconhecida multo dedicada, e, de raro, até ao filial.

Ante a ansiosa causava-lhe, mesmo, mal estar. Não obstante todas as vontades que lhe faziam as lrias do sanatório, que tudo faziam em seu be-

on historiadores. Esta civilização é anterior, também, a dos Toltecas e Aztecas.

De todas as civilizações, a que transpõe os limites da compreensão humana, pela grandeza e genialidade, pelo mistério multi-secular, e a dos atlantes. "E' o berço esquecido das civilizações, como escreveu Gonzalo Mendes (1), o Gan-Elen dos Hebreus, Afrimas Vaejo do Zeni-Avesta, a Adivara dos primitivos Arios, o Lago de Honório e de Esquillo, a Poseliones de Sion, o Jardim das Hespejias Alortumadas, a Terra dos filhos de Amom e de riles dos poetas da Helade, os Campos Eliseos, as Satorro, a ilha de Azlan dos primitivos meitanos, Tomoachan Chico, Masloc dos Chelchicencas havsores do Annuaire, o Volan-Chivra — patria de Wolfan, o formidavel civilizador dos barbaros Zenaias."

Si os anos tumbarrem, e os dias — os epifáticos fuissesem dos séculos — nelas do centitélio do Orbe — como os fragmentos de uma obra de arte para La Sizeranne, quantos segretos não assonbrariam os homens!

A Atlantida é a base da história do Mundo, assim como o judaísmo é a nervosada linha mestra da história dos povos.

(1) "Revisando a Tragedia do País de Mo'í, exposição da conferência do engenheiro Castano Ferreira.

Ja são decorridas tres semanas... — dizia, ao nechar de tomar um pratim de canja, mirrando, tristisinha, no longe, os cumes das casus do povoado, muito distantes.

E, ao despartir no dia seguinte, no cair da tarde quando o veu crepuscular já cobria as encostas dos outeros, após grande prostração, indagava, vendo cercado seu leito por varias pessoas: Por que fugem, assim, tão tristes, os sinos? ...

Todos se culterolhrum, sem dizer palavra — o corpo de D. Angélica baixava à sepultura.

Livraria Francisco Alves

PAULO DE AZEVEDO & CIA.

Livros Editores e Importadores

166 — RUA DO OUVIDOR — 166

RIO DE JANEIRO

End. Tele: ALVESIA — Caixa Postal n. 838

FILIAES:

RUA LIBERO BADARÓ' N. 49-A

SAO PAULO

RUA DA BAHIA, 1052

BELLO HORIZONTE

Erystalab

Carissimo

O teu nervoso, quando luz de lamparina, feito todo rustico; essa manha' dominical, forrisc' lhosamente. Tudo um reflexo de noticias postalgicas; somente o azul, palmei do belo tempo, perdido no amontoado de roupões sujos.

Falta a espuma solar, e as arvores abrem mais as folhas, esticam os ramos como quem procura ver melhor. E o manacel ha no quintal com flores azues, que parecem esmaecer a cadaivar o ceu pallido. Meus burruques receitao o ar neutro a suspirar passadeiras dieteticas. Dado, vejo em tudo, aspecto velhoso; ou pudoroso que me incomoda. Antes a chava dando visões fluviais, miragens maritimas por tal natureza me sentolenta como a olhar mil lagos ou lendo *Le desert de Loti*. Depois, hoje preciso estar contente, tal se a felicidade fosse um esquilho solarrego.

Na Biblioteca Nacional, agora, lituramente. Obdeceendo no principio duplo das impressões puzer-repellido; e que meu instinto criou essa necessidade e só a satisficção a compensa. Afinal, o habito seria a miragem do tempo fixo; inutil negação proverbial: *lout passe, lout casse, lout lasse*. Também qualquer dia, esquecido o costume, mais outra villanitia passadeira protegendo boms perdidias. Entretanto, dantes quem profetizou tal autorice alta-beta, esse gosto lyresco? Curioso que tu, hoje, currisso de minhas ideias litterarias, fostes o precioso guia ledor, meu caderno cultural. Lais Loti, Emlibert, Wilde no original; nada. Ja eu, pobre *Azno, de' outro esperando o milagre das ruas.*

Depois, era a familia a mostrar-me o castido, tal habues-corpus futuro, e a rua com o futebol russo e o choverisario amolecado, como foguetras de jussolento e tentar-me. Entao, veio o tempo, sarada horarrio, transmittir o regimen. Porque soprar o braseiro do passado, nem sei ou, então, é meu presente que se esfolia. Foi melhor tempo onde havia guarda e artefacto. Hoje ninguém, somente esse frabalho desesparador de Utopias, que mal remedia sendo, substituição economica e deslumbrante. Nelas mltiplaricas & paraficuffs, vote. E quando pensas que o passado é nossa unica eternidade. Lons bnt, lembrar sempre, não para viver em altroz, apenas viver, spm, misterio.

E Camões ha de longe exclamar: "Oh! quem tornar poeira a ser nascido! Soubeste-me lograr do bem passado, Se conheceres sombria o mal presente."

Entretanto, tudo mudou; a inocencia, mossi moral olinista. Ignorancia, esperanga culla. Encontrasse esse passado agora, o ballarico Ju-sório cresceria? Oh! nunca, aumentar em mim angustia amiguladora, desejos poetricos a sumir-se.

Ela appareceu na Biblioteca nunca quaria e era eslava. Indique-lhe toda indumentaria burocratica; o cartão, fichario e depois o sadio. Pediu dois tra-lados sobre a historia niponica. Enquanto esperou os livros, conversamos. Ha milheiros phitrescos, que dão a cor local de sua terra. Assim, as russas me boilham a imaginacão para paisagens bellissimas, onde Paris arvores, quase um deserto, sempre o inverno. Depois, morosamente sinto a Dor, a Polbreza dos campezanos, culpa de Dostolewski, e minha a Missica, sons estalados a lembrar chibaldas do senhor. E toda essa ronda de presenca russa provocou-a Adelaide.

Sabia falar pouco portuguez e tilologicos em francez, trindugio litteraria do russo. — Barchanteau pour votre souci et... — Mais, pourquoi n'oubliez pas cette chose-la; si c'est un fait universel, n'est pas? — Je comprends, cependant votre geste fut si simple, comme si vous devinez déjà mon doute. Et comme vous me regretez...
E, verdade, olhava-na sem rebuços. Parecia ter uma fisionomia liquida e quando dizia ou olhava todo rosto como que se desglitia. E os labios volatels, azas de passaros exotics e milidamente obecos no apparito mudo de altas luxurias? Os olhos tão matizados e alegoricos que pareciam ter lido a *Biogeneria*. Olhos paisagisticos, de entudo. Quando se fechava eram como-livros de Loti, lidos com alma.
E ficamos intimos, profundamente intimos, Também dois dias de lirismo requintado como só Epituro compreendia.
Depois, redobrou-se tudo tão hesperando, feito um soluço inevitavel. Nunca mais a vi. Na sexta

ainda discutimos sobre a amizade entre o homem e a mulher. E accentuava que se brigassemos um dia que eu regrejarlhasse mais sua afeicão que amor. Então repliquei-lhe que antes o odio. Amizade entre sexos diferentes resuma gosto enuoco. E a frascologia entre eles contem uma poetrada de pudor larri; é a fria temporaria com carções biachados; carinho com ecos e reticencias; é Penelope esperando Ulysses, resistindo aos Pretendentes.

Ah! meu velho amigo, estou cansado, vou relomar essa carta de noite.

Poram-se as nuvens matinaes, o ceu mais puro que Jesus e Ihar!

Tanto luar, que as arvores se envolvem de re-mota. E essa luz penetrada pelo ar é gomosa como se do ceu emborcesse um parlano. Os perfumes quando aspirados persistem tanto, tal fossem a respiração corrente. E a Lira rebolava-se nessa pastosidade como um carrdel a desfilar-se.

E o domingo quase acanhado; amanhã o trabalho e sem Adelaide... E tal vida restrita di-mne doideiras sassanias.

Após o trabalho, quando vou dormir sinto me-lancholia do fim, do dever cumprido. E a vida me apparece fantasmal. A consciencia está limpa, o cor-pio pede repouso, os desejos satisfeitos. Mas, onde

o Homosio, relógio atento dos meus atos, das coisas perdidas? Ele diverte visitando paisagens monocbrns. Por isso, o arrendimento dos libérticos é uma nostalgia decorada. Oh! as tristezas incongnitas dos operarios que trabalham de dia e dormem a noite.

Tua carta de Manaus!

Antes, confessas a impossibilidade deservliva do ambiente amazonic. E saltas dez linhas como cartão fúnebro de tua gagueira vocabular. Acentuas que desgarrias pintar e criar, não adglivar o papel; pois, todo segredo paisagistico fica no contrasto literal. Invocas Gauthier, Loti, Gourmonn, Eudides da Cunha. E só houve até agora um prosador nativista: Américo de Almeida. Descrevendo, ele centelha imagens tão divinas, que a propria paisagem como se accomoda a tais comparações. E a Natureza, como a vida, imita a Arte.

Teu ...

A illusão da vida

Augusto Alves FERREIRA

Serculos e seculos dum mistico profundo, Leva repollo, vacillante o nauisio mundo, Decorando, insacavel, todas as gergogás, E estas, multiphas, em intensas multilidéas, Numa lina titanica, lina gigantesca Degradam-se sem fim em guerras incessantes, Vives no caos, aspirando o impoerter, Vivendo uma vida, lorge de miseria Desprezada, vil e inamnia e delictéria.

E o homem, confamilho neste turbilhão, Colhendo rita a dita nova luso, Na lina pela vida enganosa e vil, Vae se pervertendo, insacavel e louco, Ambiciona tudo; tudo julga pouco. Quando desperta e tarde, está inerte. Neste exaurismo a energia perde; E assim, a esperanca, a Fé, a Sorte E todas as fúndas findam-se com a morte.

Ho, 15 de Novembro de 1937.

Nossa Capa

O desenho que ilustra a nossa capa foi dado á publicidade este ano, em homenagem ao centenario do Collegio Pedro II e por ordem do nosso atual diretor, Dr. F. A. Rala Cabaglia.

Ele nos dá uma ideia bem suggestiva do que era D. Pedro II em 1837, aos 12 anos, portante.

O desenho é de Luiz Aleixo Boulanger, coleção de Francisco Marques dos Santos.

SANTOS DUMONT

A CASA QUE MELHOR
CONFECIONA
UNIFORMES COLLEGAES

192 — RUA SETE DE SETEMBRO — 194

Telephone: 22 - 5638

1837 - 1937

Este discurso foi o da abertura do Colégio Pedro II nos 25 de Maio de 1838. Pronunciado-o o então ministro da Justiça, Dr. Bernardino Pereira de Vasconcelos. É um documento sob todo ponto de vista interessantíssimo para nós que vivemos e gloriamos com os louros, as tradições da mais velha e gloriosa casa de Ensino Secundário do Brasil.

De ordem do Regente Interino, em Nome do Imperador, venho investir a V. Ex. do Regulamento do Colégio entregando-lhe o seu Regulamento.

Convencido de que o Colégio e o Rector que nelle principia, e acaba a belleza e a utilidade de hum tal estabelecimento, e dando o devido aprego a decência patriótica com que V. Ex. accellou a trilha-hosa tarefa de o reger, escusaria o mesmo Regente outra providencia que não fosse a de autorisar a V. Ex. para conduzi-lo segundo sua sabedoria e suas virtudes; mas huma casa de educção, que occupa tantos empregados e accomoda tantos domesticos, precisa de regras permanentes, que hem assignam os direitos e os deveres de cada hum dellos, para que nem o arbitrario domine, nem o conflicto embarce, nem a confusão prejudique a mocidade estudiosa.

Optimas que sejam as intenções do chefe, illustreadas as suas medidas, se não formam ellas altamente estudadas, e perfeitamente entendidas, impossivel será que os diversos escutandos as saibam de sempehar. Eis as razões pelas quaes o Regente Interino, em Nome do Imperador, Houve por bem Decretar o Regulamento que a V. Ex. communico.

A pericção de obra tal só pôde provir-lhe da experiencia: ella e o tempo he que hão de mostrar a necessidade das alterações e modificações que cumpria fazer, e o Governo as mandará adoptar quando convencer-se da sua importancia e da sua utilidade. Hãmos dos meios, e talvez o mais proveitoso, de fazer sentir os inconvenientes de hum regulamento he a sua fiel e pontual execução. Cumpre pois, que logo de modificar esta regra na sua execução, seja ella ao contrario religiosamente observada, afirm de serem conhecidas suas faltas, apparecerem seus defeitos, e terem logar os preciosos melhoramentos, porém, compunctamente decretados.

Só assim deixarão recibos infundados de tomar a natureza de estylos arbitrarios e por ventura oppositos ás providencias e ás intenções do Governo; e a mocidade de par com as doutrinas, que hão de formar o seu coração e aperfeiçoar a sua intelligencia, aprenderá a respeitar as leis e as instituições, e conhecerá as vantagens da subordinação e da obediencia.

Devo, porém, advertir a V. Ex. que as regras consagradas neste Regulamento não são theorias inexploradas; ellas foram importadas de paizes esclarecidos, tem o cunho da observação, tem o abono da pratica e deram o resultado de transcendente utilidade. Não nos assustar, pois, a sua literal observancia:

a mocidade Brasileira não he menos talentosa, nem menos capaz de mortificarse-se que o desses paizes onde ellas tem muito aproveitado. E notará V. Ex. que a maior parte de suas disposições, respeito mais aos Professores e Inspectores, do que aos alumnos; pedindo delles a moralidade na conducta e o aproveitamento nos estudos dos Collegiaes; e sendo o principal intuito do governo prevenir para não ter occasião de punir, a severidade da disciplina deveria pesar mais sobre esse sempregrados do que sobre os alumnos, facies de conduzir quando a vigilancia e o respeito lhes assignar a estrala.

Todavia algumas penas estão contra estes delictos, e ellas devem ser imperterivelmente impostas sempre que se cometer o facto prohibido. Ellas, porém, não são fundadas sobre huma autoridade despótica, nem arbitradas por hum ego capricho: foram calculadas sobre a prudencia e impostas pela boa razão; e em vez de temer que ellas possam diminuir, e menos extinguir os sentimentos de pejo e de honra, e da propria dignidade, que convem nutrir, respeitar e fazer desenvolver na mocidade devineces o governo que ellas arrigram desde cedo no coração dos alumnos o horror ao crime, aversão á indolencia e cuidado dos seus deveres, e o necessario habito de manter sem despoitismo e de obedecer sem servilismo.

Não concluirei este discurso sem repetir a V. Ex. que o intuito do Regente Interino creando este Colégio, he offerecer hum exemplar ou norma aos que já se acham instituidos nesta Capital por alguns particulares; convencido como está de que a educção colligial he preferivel á educção privada.

Nenhum calculo de interesse pecuniario, nenhum motivo menos nobre, e menos patriótico, que o despo da boa educção da mocidade, e do estabelecimento de proveitosos estudos, influia na deliberação do Governo. Revela, pois, ser fiel a este principio: manter e unicamente adoptar os bons methodos; resistir a innovações que não tenham a sancção do tempo e o abono de felizes resultados; proscrever e fazer aborhar todas as esperanzas de especuladores astutos, que ilhinguem a credulidade dos pais de familia com promessas de facies e rapidos progressos na educção de seus fillos; e repellar os charlatães que aspiram á celebridade, incutendo principios e methodos que a razão desconhece, e muitas vezes assistida reprova. Que importa, que a severidade de nossa disciplina, que a prudencia, e a salutar lentiza com que proceder-mos nas reformas, atassem do Colégio muitos alumnos. O tempo que he sempre o conductor da verdade, e o destruidor da impostura, fará conhecer o seu erro. O Governo só flia á mais perfeita educção da mocidade: elle detaxa (com não pequeno pezar) as novidades, e a celebridade aos especuladores, que fazem do ensino da mocidade hum trafico mercantil, que nada inte-

ressam na moral e na felicidade aos seus alumnos. Ao Governo só cabe semear para colher no futuro.

Penetrado destas verdades, e depositando em V. Ex. a maxima confiança, o Regente Interino se congratula com os pais de familia, pelos bons estudos, que dirigidos por V. Ex., mediante as luzes de tão distinctos professores, vão abrir a seus fillos huma carreira de gloria, e fazel-os entrar no sanctuario do verdadeiro saber. O saber he força; e he V. Ex. que vai ser o modelador dessa força irresistivel, deusa, confugio vital da sociedade moderna.

E V. Ex. collocado á testa da civilização e da instrucção Fluminense, está constituído o Pai, e o

UM POETA MODESTO

transluzindo Raskin: J. G.

Com o titulo acimo, foi publicado um ensaio litterario do aluno Agamenon Moraes, o qual citava uma poesia de João Guimarães e que saiu mutilada. Aquel reproduzimos novamente, devidamente correctada, para evitar controvérsias:

Bentilha!

*Chamo-te bentilha porque fizeste, do abismo da minha terra, triste, uma apoteose de astros.
Chamo-te bentilha porque o teu olhar me apontou os alegres da vida.
Chamo-te bentilha porque sinto, em nasso amor, a*

*maliciosa do sonho que a felicidade criou...
[belteza*

CIGARROS

YOLANDA 500

CARTERA 500 Rs.

CIA. SOUZA CRUZ

Apostolo desta esperçongosa mocidade, que aprendendo em V. Ex. a independencia da virtude, afirmaza do caracter, a energia, e o valor da sentença, a pureza da moral, e o respeito da Religião, tem de dar a Patria, a Nação, a Libertade, ao Trono e ao Altar, servidores fiéis, honra e gloria do nome Brasileiro. He trabalhosa a tarefa; mas V. Ex. é digno de despenhar-na e calada a inveja, e triumphante a razão, o Rio de Janeiro agradece collocar o nome de V. Ex. na lista dos benfeitores da Humanidade.

Queira a Providencia Divina favorecer as justas esperçongas do Regente Interino, e do Governo do Brazil.

Não te esqueças de mim...

Sylvio Hilberio FERREIRA

*Não te esqueças de mim, sempre constante,
Se fiel ao amor que me juraste,
Eu sou ainda o mesmo que detaste.
E tu és sempre a minha linda amante.*

*Que importa se de mim estás distante
Se tão longe, querida, tu ficaste
Meu coração contigo tu lecaste
E minha alma te busca a todo instante!*

*Contigo foi também minha alegria
E incesso em profunda nostalgia
Vivo, querida, num pecar sem fim.*

*Não deixo um só momento de esquecer-te
E ancelo a toda hora por dizer-te
Não te esqueças afinal de mim.*

CRUZADA NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O GHEMIO no grande afan de desenvolvimento cultural, aponta as grandes idéas, cooperando com as mesmas, nos limites de suas possibilidades. Por isto, é que, fundada a CRUZADA NACIONAL DE EDUCAÇÃO, repercutia victoriosamente em nasso meio, mais agora, embora luctualmente, é que a sua directoria resolveu offerecer plena adeção á iniciativa feliz e sadida de Gustavo Arrisbrasil.

Em nasso meio, pobre, mas honesto, pequeno, mais cultuista a C. N. E. poderia mostrar gloriosamente, por não fallarão elementos para levar de venciaza a campunha, tão altamente patriótica. Possam e queiram os alumnos deste Colégio e os socios do Gremio, tributar, os louros e gallinades não lhes fallarão, basta sabermos que fiseram por onde o Brasil se torne mais orgulhoso de si mesmo. A alfabetização de todos os nossos patriotas, será a chave de innumerados nossos problemas sociais. Itesoivos, é engrandecer o Brasil! O apoio á C. N. E. é dever de todo brasileiro e obrigaçção de todo patriota olinista.

Um feito memorável

IGNESIL MARINHO (ex-aluno do Colégio Pedro II)

Nenhuma data é mais própria do que esta em que se festeja o centenário do Colégio Pedro II, para evocar, num ligeiro retrospecto, o mais glorioso feito da vida esportiva deste Estabelecimento e que deve perdurar na mente de todos, legando às gerações que daqui saem as que entram a obrigação de perpetuarem o nome de seis heróis, que de terra estrangeira, lutando contra tudo, sem tergiversações, trouxeram ao Pedro II o mais significativo troféu.

O fato passou-se em 1933. Este Colégio era o último representante da força máxima da atletica colegial carioca, pois acabava de levantar, pela quarta vez consecutiva, o título de campeão desta cidade. E assim, realizando-se o Campeonato Colegial Brasileiro em São Paulo, foi o Pedro II distinguido com um honroso convite para participar daquele magno certamen. Por circunstâncias várias, não poderia ser a sua embaixada numerosa e apenas seis atletas a compareceram. Os jovens que por aqui passaram, guardai bem o nome desses heróis e esforçai-vos para repetir seus heróicos feitos: João Nicolussi Junior, Luiz Imenco, Dirceu Campos, Iribens F. Soares, José Palmieira e Cid Nascimento.

Com esta pequena equipe, que sem assistência e quasi ignorada daqui partiu, numa terra estrangeira onde a diversidade de clima se fazia sentir acerbamente, entre concorrentes fortes e numerosos, tão entusiasmamente preparados para tal fim, como o Mackenzie Colégio, o Ginásio Oswaldo Cruz, etc., levantou o Colégio Pedro II, entre a admiração dos eruditos desportivos da paulista e entusiásticos alunos, o título de Campeão Colegial Brasileiro de Atletismo. Os resultados técnicos foram os melhores possíveis, salientando-se a queda do record carioca de salto com vara, cuja marca (3m59) foi ultrapassada pelo primeiro e segundo colocados, ambos do Colégio, João Nicolussi com 3m,833 e Luiz Imenco com 3m,66. Embora reatizadíssima a equipe do Pedro II, honram os seus elementos, parte em todas as provas, logrando ótimos colocações, o que bem demonstra o inaudito esforço físico despendido e a fibra de que eram portadores.

Este feito, cuja simples lembrança nos faz vibrar de entusiasmo, necessário se torna ser repetido, não só no atletismo, mas em todas as atividades da vida esportiva deste Estabelecimento.

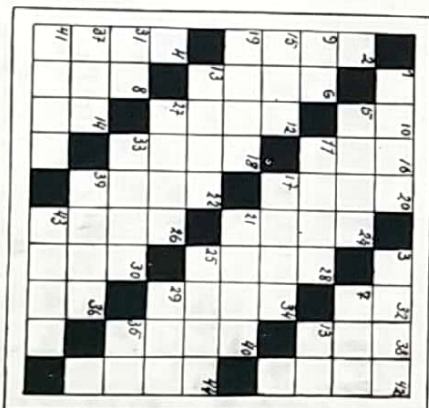
É preciso honrar esse passado tão glorioso, laço de heróicos feitos, rempanhando o céter, que o Colégio Pedro II, com galhardia, sempre mantive, de expoente máximo da atletica colegial brasileira!

HORIZONTAIS

- 1 — palhaço
- 3 — casa de indios
- 5 — colza
- 7 — verbo
- 9 — variação pronominal
- 11 — da geografia
- 13 — em bom estado (fem.)
- 15 — mãe de nós todos
- 17 — cauda (fem.)
- 19 — camomilão
- 21 — nome de mulher
- 23 — natural dum lugar
- 25 — descanço
- 27 — pedaço de madeira
- 29 — adverbio
- 31 — nota musical
- 33 — destino
- 35 — respiravel
- 37 — produto galináceo
- 39 — numero
- 41 — flor
- 43 — nome de mulher

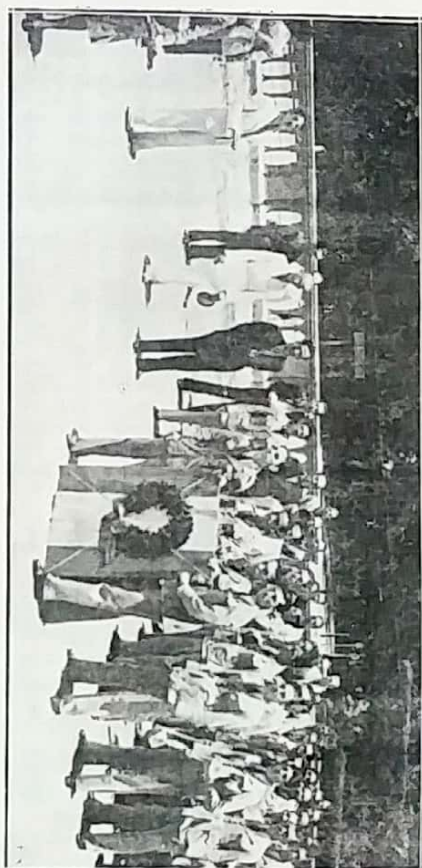
VERTICAIS

- 2 — nome de homem
- 4 — mais que amizade
- 6 — Car da Russia
- 8 — nome de homem
- 10 — nome de homem
- 12 — dar nós
- 14 — artigo (pl.)
- 16 — mão e mão
- 18 — deus egipcio
- 20 — califa musulmano

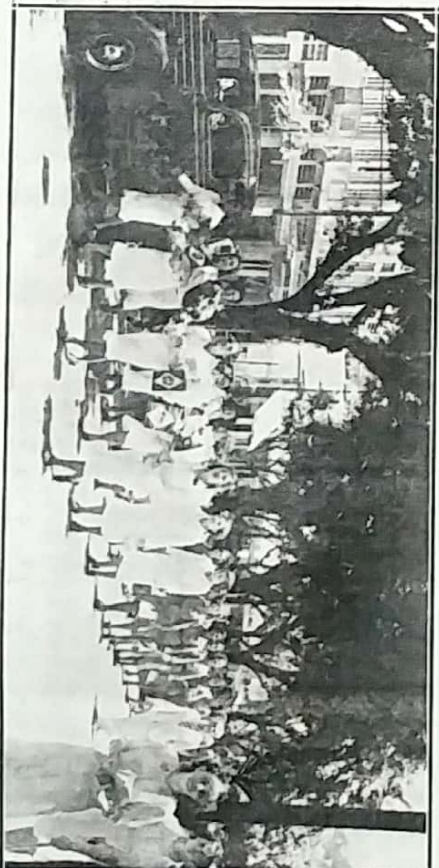


- 22 — entorpecente
- 24 — molusco
- 26 — fatura
- 28 — fruto
- 30 — adverbio
- 32 — interjeição
- 34 — parte lateral e carnuda dos antunes
- 36 — nota de musica no contralto
- 38 — pedido de repetição
- 40 — opera
- 42 — irmão de Moisés
- 44 — metal que todos nós queremos

Kaida-Koma

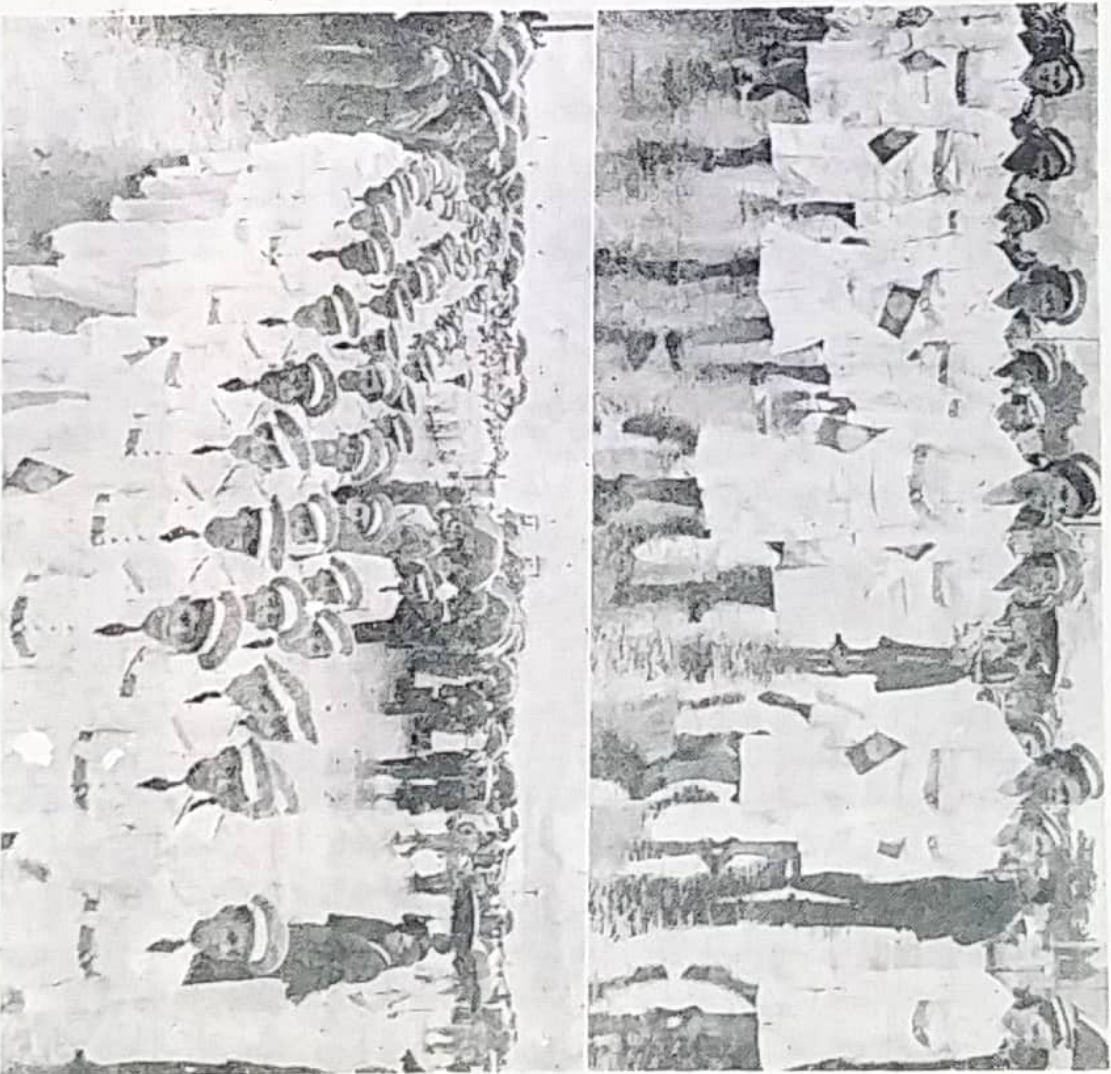


Alunos do Colégio Pedro II levam flores ao túmulo do último Imperador



Os corpos docente, docente e administrativo do Colégio desfilam pelas ruas de Petrópolis, carregando uma lindíssima coroa de bronze — prelo de homenagem, gratuita e saudável da gloriosa Casa de Inácio ao seu grande Patrono

(Foto Mário G. Reis)



No desfile de 9 de Dezembro. Alunos e alunos enfrentam as intempéries, mas orgulhosos do Colégio Padrião.

DR. SPINOSA ROTHIER
EDIFÍCIO CARIOCA - 2.º andar

Doenças urinárias e sífilis — Exames endoscópicos e microscópicos para controle de cura
TRATAMENTO MODERNO E SEM DOR

SALA 208 — TEL.: 22-3367

ROUPAS E UNIFORMES
PARA RAPAZINHOS
“A CAPITAL”

Um formidável sortimento e vende à
vita ou a crédito com sorteios semanais
AVENIDA, ESQ. OLVIDOR